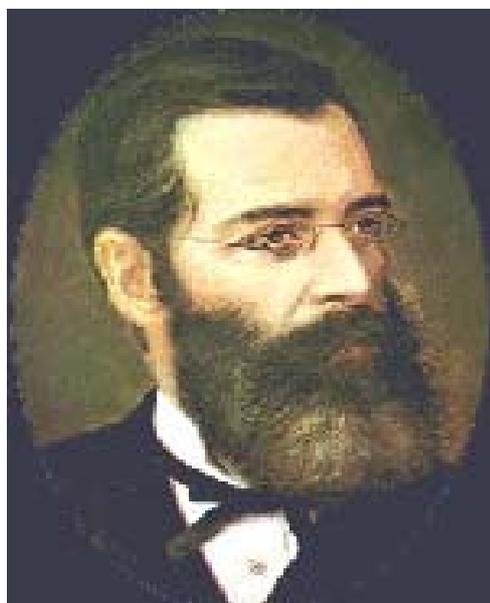
Biblioteca Virtualbooks

O ERMITÃO DA GLÓRIA

JOSÉ DE ALENCAR

AO LEITOR

São de outro *tom os singelos contos que formam este segundo volume dos* Alfarrábios.

Não convidam ao riso, que tão excelente especiaria é para um livro de entreter. Bem longe disso, talvez que espremam dos corações mais ternos e sentimentais uns fios de lagrimas.

Caso assim aconteça, será com bem pesar meu, pois sinceramente acho de mau-gosto lembrar-se alguém de produzir choros d'artifício à guisa de jogos de vista, quando não faltam motivos reais de tristeza e aflição.

Prometo porem desde já em expiação deste pecado literário, que o terceiro volume dos Alfarrábios *irá mais brincalhão do que o primeiro*

Rio de Janeiro, maio de 1873.

J. DE ALENCAR

O ERMITÃO DA GLÓRIA

AO CORSO

Caía a tarde.

A borrasca, tangida pelo nordeste, desdobrava sobre o oceano o manto bronzeado.

Com a sombra, que projetavam os negros castelos de nuvens, carregava-se o torvo aspecto da costa.

As ilhas que bordam esse vasto seio de mar, entre a Ponta dos Búzios e Cabo Frio, confundiam-se com a terra firme, e pareciam apenas saliências dos rochedos.

Nas águas da Ilha dos Papagaios balouçava-se um barco de borda rasa e um só mastro, tão cosido à terra, que o olhar do mais prático marinheiro não o distinguiria a meia milha de distância entre as fraguras do penedo e o farelhão dos abrolhos.

Pelas amuradas e convés do barco viam-se recostados ou estendidos de bruços, cerca de dez marujos, que passavam o tempo a galhofar, molhando a palavra em um garrafão de boa cachaça de São Gonçalo, cada um quando chegava a sua vez.

Na tilha sobre alva esteira de coco estava sentada uma linda morena, de olhos e cabelos negros, com uma boca cheia de sorrisos e feitiços.

Tinha ao colo a bela cabeça de um rapaz, deitado sobre a esteira; numa posição indolente, e com os olhos cerrados, como adormecido.

De momento a momento, a rapariga debruçava-se para pousar um beijo em cheio nos lábios do moço, que entreabria as pálpebras e recebia a carícia com um modo, que revelava quanto já se tinha saciado na ternura da meiga cachopa.

- Acorde, preguiçoso! dizia esta galanteando.

- Teus beijos embriagam, amor! Não o sabias? respondeu o moço fechando os olhos.

Nesse instante um homem, que descera a abrupta encosta do rochedo com extrema agilidade, atirou-se á ponta da verga, e travando de uma driça, deixou-se escorregar até o convés.

O desconhecido, que assim chegava de modo tão singular, era já bem entrado em anos, pois tinha a cabeça branca e o rosto cosido de rugas; mas conservara a elasticidade e nervo da idade viril.

Com a arfagem que o movimento do velho imprimiu ao navio, sobressaltou-se toda a maruja; e o moço que estava deitado na esteira, ergueu-se de golpe, como se o tocara oculta mola.

Nesse mancebo resoluto, de nobre e altivo parecer, que volvia em torno um olhar sobranceiro, ninguém por certo reconheceria o indolente rapaz que dormitava pouco antes no colo de uma mulher.

Na postura do moço não havia a menor sombra de temor nem de surpresa, mas somente a investigação rápida e o arrojo de uma natureza ardente, pronta a afrontar o perigo em toda a ocasião.

Do primeiro lanço viu o velho que para ele caminhava:

- Então, Bruno?

- Aí os temos, Senhor Aires de Lucena; é só fisgar-lhes os arpéus. Uma escuna de truz!

- Uma escuna!... Bravo, homem! E dize-me cá, são flamengos ou ingleses?

- Pelo jeito, tenho que são os malditos franceses.

- Melhor; os franceses passam por bravos, entre os mais, e cavalheiros! A termos de acabar, mais vale que seja a mãos honradas, meu velho.

A esse tempo já a maruja toda a postos esperava as ordens do capitão para manobrar.

Aires voltou-se para a rapariga:

- Adeus, amor; talvez nunca mais nos avistemos neste mundo. Fica certa porém que levo comigo duas horas de felicidade bebidas em teus olhos.

Cingindo o talhe da rapariga debulhada em lágrimas, deu-lhe um beijo, e despediu-a atando-lhe ao braço uma fina cadeia de ouro, sua derradeira jóia.

Instantes depois, uma canoinha de pescador afastava-se rapidamente em demanda da terra, impelida a remo pela rapariga.

De pé, no portaló, Aires de Lucena, fazendo à maruja um gesto imperioso, comandou a manobra.

Repetidas as vozes do comando pelo velho Bruno, colocado no castelo de proa, e executada a manobra, as velas desdobraram-se pelo mastro e vergas, e o barco singrou veloz por entre os parcéis.

II

ÚLTIMO PÁREO

O ano de 1608 em que se passam estas cenas, a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro tinha apenas trinta e três anos de existência.

Devia de ser pois uma pequena cidade, decorada com esse pomposo nome desde o primeiro dia de sua fundação, por uma traça política de Estácio de Sá, neste ponto imitado pelos governadores do Estado do Brasil.

Aos sagazes políticos pareceu da maior conveniência semear de cidades, e não de vilas, e menos de aldeias, o mapa de um vasto continente despovoado, que figurava como um dos três Estados da coroa de Sua Majestade Fidelíssima.

Com esse plano não é de admirar que um renque de palhoças ás faldas do Pão de Açúcar se chamasse desde logo cidade de São Sebastião, e fosse dotada com toda a governança devida a essa jerarquia.

Em 1608 ainda a cidade se encolhia n a crista e abas do Castelo; mas quem avaliasse da sua importância pela estreiteza da área ocupada, não andaria bem avisado.

Estas cidades coloniais, improvisadas em um momento, com uma população adventícia, e alimentadas pela metrópole no interesse da defesa das terras conquistadas, tinham uma vida toda artificial.

Assim, apesar de seus trinta e três anos, que são puerícia para uma vila, quanto mais para uma cidade, já ostentava o Rio de Janeiro o luxo e os vícios que somente se encontram nas velhas cidades, cortesãs eméritas.

Eram numerosas as casas de tavolagem; e nelas, como hoje em dia nos alcáçares, tripudiava a mocidade perdulária, que esbanjava o patrimônio da família ao correr dos dados, ou com festas e banquetes a que presidia a deusa de Citera.

Entre essa mocidade estouvada, primava pelas extravagâncias, como pela galhardia de cavalheiro, um mancebo de dezoito anos, Aires de Lucena.

Filho de um sargento-mor de batalha, de quem herdara dois anos antes abastados haveres, se atirara a vida de dissipação, dando de mão à profissão de marítimo, a que o

destinara o pai e o adestrara desde criança em sua fragata.

Nos dous anos decorridos foi Aires o herói de todas as aventuras da cidade de São Sebastião.

Ao jogo os maiores páreos eram sempre os seus; e ganhava-os ou perdia-os com igual serenidade, para não dizer indiferença.

Amores, ninguém os tinha mais arrojados, mais ardentes, e também mais volúveis e inconstantes; dizia-se dele que não amava a mesma mulher três dias seguidos, embora viesse no decurso de muito tempo a amá-la aquele número de vezes.

Ao cabo dos dous anos achava-se o cavalheiro arruinado, na bolsa e na alma; tinha-as ambas vazias.- estava pobre e gasto.

Uma noite meteu na algibeira um punhado de jóias e pedrarias que lhe restavam de melhores tempos, e foi-se á casa de um usurário. Apenas escapou a cadeia de ouro, que tinha ao pescoço e de que não se apercebeu.

Com o dinheiro que obteve do judeu se dirigiu à tavolagem resolvido a decidir de seu destino. Ou ganharia para refazer a perdida abastança, ou empenharia na última cartada os destroços de um patrimônio e uma vida mal barateados.

Perdeu.

Toda a noite passara-a na febre do jogo; ao raiar da alvorada, saiu da espelunca e caminhando à-toa foi ter á Ribeira do Carmo.

Levava-o ali o desejo de beber a fresca viração do mar, e também a vaga esperança de encontrar um meio de acabar com a existência.

Naquele tempo não se usavam os estúpidos suicídios que estão hoje em voga: ninguém se matava com morfina ou massa de fósforo, nem descarregava em si um revólver.

Puxava-se um desafio ou entrava-se em alguma empresa arriscada, com o firme propósito de dar cabo de si; e morria-se combatendo, como era timbre de cavalheiro.

III

A BALANDRA

Embora expulsos das terras da Guanabara, e destruída a nascente colônia, não desistiram os franceses do intento de se assenhorearem de novo da magnífica baía, onde outrora campeara o Forte Coligny.

Esperando azo de tentar a empresa, continuavam no tráfego do pau-brasil, que vinham carregar em Cabo Frio, onde o trocavam com os índios por avelórios, utensílios de ferro e mantas listradas.

Havia naquela paragem uma espécie de feitoria dos franceses, que facilitava esse contrabando e mantinha a antiga aliança dos Tamoios com os Guaraciabas, ou guerreiros de cabelos do sol.

A metrópole incomodava-se com a audácia desses corsários, que chegaram algumas vezes a penetrar pela baía adentro e bombardear o coração da cidade.

Bem longe porém de prover de um modo eficaz à defensão de suas colônias, tinha por sistema deixar-lhes esse encargo, apesar de estar constantemente a sugar-lhes o melhor da seiva em subsídios e fintas de toda a casta.

Baldos de meios para expurgarem a costa da cáfila de piratas, os governadores do Rio de Janeiro, de tempos em tempos, quando crescia a audácia dos pichelingues a ponto de ameaçarem os estabelecimentos portugueses, arranjavam com os minguados recursos da terra alguma expedição, que saía a desalojar os franceses.

Mas estes voltavam, trazidos pela cobiça, e após eles os flamengos e os ingleses, que também queriam seu quinhão e o tomavam sem a menor cerimônia, arrebatando a presa ao que não tinha forças para disputá-la.

Felizmente a necessidade da defesa e o incentivo do ganho tinham despertado também o gênio aventureiro dos colonos. Muitos marítimos armaram-se para o corso, e empregaram-se por conta própria no cruzeiro da costa.

Fazendo presa nos navios estrangeiros, sobretudo quando tornavam para Europa, os corsários portugueses lucravam não somente a carregação de pau-brasil, que vendiam no Rio de Janeiro ou Bahia, mas além disso vingavam os brios lusitanos, adquirindo renome pelas façanhas que obravam-

Precisamente ao tempo desta crônica, andavam os mares do Rio de Janeiro muito infestados pelos piratas; e havia na ribeira de São Sebastião a maior atividade em se armarem navios para o corso, e municiarem os que já estavam nesse mister.

Uma lembrança vaga desta circunstância flutuava no espírito de Aires, embotado pela noite de insônia.

Afagava-o a esperança de achar algum navio a sair mar em fora contra os piratas; e estava resolvido a embarcar-se nele para morrer dignamente, como filho que era de um sargento-mor de batalha.

Ao chegar à praia, avistou o cavalheiro um batel que ia atracar. Vinha dentro, além do marinheiro que remava, um mancebo derreado à popa, com a cabeça caída ao peito em uma postura que revelava desânimo. Teria ele vinte e dois anos, e era de nobre parecer.

Logo que abordou em terra o batel, ergueu-se rijo o mancebo e saltou na praia, afastando-se rápido e tão abstrato que abalroaria com Aires, se este não se desviasse pronto.

Vendo que o outro passava sem aperceber-se dele, Aires bateu-lhe no ombro:

- Donde vindes a esta hora, e tão pesaroso, Duarte de Morais?

- Aires!... disse o outro reconhecendo o amigo.

- Eu vos contava entre os felizes; mas vejo que também a aventura tem suas névoas.

- E suas noites. A minha creio que de todo escureceu.

- Que falas são estas, homem, que vos desconheço.

Travou Duarte do braço de Aires, e voltando-se para a praia mostrou-lhe um barco fundeado perto da Ilha das Cobras.

- Vedes aquele barco? Há três dias que ainda era uma formosa balandra. Nela empreguei todo meu haver para tentar a fortuna do mar. Eis o estado a que o reduziram os temporais e os piratas: é uma carcaça, nada mais.

Aires examinava com atenção a balandra, que estava em grande deterioração. Faltava-lhe o pavês de ré e ao longo dos bordos apareciam largos rombos.

- Esmoreceis com o primeiro revés!

- Que posso eu? Donde tirar o cabedal para os reparos? E devia eu tentar nova empresa, quando a primeira tão mal surtiu-me?

- Que contais então fazer do barco? Vendê-lo, sem dúvida?

- Só para lenha o comprariam no estado em que ficou. Nem vale a pena de pensar nisso; deixá-lo apodrecer aí, que não tardará muito.

- Neste caso tomo emprestada a balandra, e vou eu à aventura.

- Naquele casco aberto? Mas é uma temeridade, Aires!

- Ide-vos a casa sossegar vossa mulher que deve estar aflita; o resto me pertence. Levai este abraço; talvez não tenha tempo de dar-vos outro cá neste mundo.

Antes que Duarte o pudesse reter, saltou Aires no batel, que singrou para a balandra,

IV

A CANOA

Saltando a bordo, foi Aires recebido ao portaló pela maruja um tanto surpresa da visita.

- Doravante quem manda aqui sou eu, rapazes; e desde já os aviso, que esta mesma tarde, em soprando a viração, fazemo-nos ao largo.

- Com o barco da maneira que está? observou o gajeiro.

Os outros resmungaram aprovando.

- Esperem lá, que ainda não acabei. Esta tarde pois, como dizia, conto ir mar em fora ao encontro do primeiro pechelingue que passar-me por davante. O negócio há de estar quente, prometo-lhes.

- Isso era muito bom, se tivesse a gente navio; mas numa capoeira de galinhas como esta?...

- Ah! não temos navio?... Com a breca! Pois vamos procurá-lo onde se eles tomam!

Entreolhou-se a maruja, um tanto embasbacada daquele desplante.

- Ora bem! continuou Aires. Agora que já sabem o que têm de fazer, cada um que tome o partido que mais lhe aprouver. Se lhe não toa a dança, pode-se ir à terra, e deixar o posto a outro mais decidido. Eia, rapazes, avante os que me seguem; o resto toca a safar e sem mais detença, se não mando carga ao mar.

Sem a mais leve sombra de hesitação, dum só e mesmo impulso magnânimo, os rudes marujos deram um passo á frente, com o ar destemido e marcial com que marchariam á abordagem.

- Bravo, rapazes! Podeis contar que os pichelingues levarão desta feita uma famosa lição. Convido-vos a todos

para bebermos à nossa vitória, antes da terceira noite, na taberna do Simão Chantana.

- Viva o capitão!...

- Se lá não nos acharmos nessa noite, é que então estamos livres de uma vez desta praga de viver!...

- É mesmo! É uma canseira! acrescentou um marujo filósofo.

Passou Aires a examinar as avarias da balandra, e embora a achasse bastante deteriorada, contudo não demoveu-se por isso de seu propósito. Tratou logo dos reparos, distribuindo a maruja pelos diversos misteres; e tão prontas e acertadas foram suas providências, que poucas horas depois os rombos estavam tapados, o aparelho consertado, os outros estragos atamancados, e o navio em estado de navegar por alguns dias.

Era quanto dele exigia Aires, que o resto confiava à sorte.

Quando levantou-se a viração da tarde, a balandra cobriu-se com todo o pano e singrou barra fora.

Era meio-dia, e os sinos das torres repicavam alegremente. Lembrou-se Aires que estava a 14 de agosto, véspera da Assunção de Nossa Senhora, e encomendou-se à Virgem Santíssima.

Deste mundo não esperava mais cousa alguma para si, além de uma morte gloriosa, que legasse um triunfo à sua pátria. Mas o amigo de infância, Duarte de Morais, estava arruinado, e ele queria restituir-lhe o patrimônio, deixando-lhe em troca do chaveco desmantelado um bom navio.

Há momentos em que O espírito mais indiferente é repassado pela gravidade das circunstâncias. Colocado já no limiar da eternidade, olhando o mundo como uma terra a submergir-se no oceano pela popa de seu navio, Aires absorveu-se naquela cisma religiosa, que balbuciava uma prece, no meio da contrição da alma, crivada pelo pecado.

Uma vez chegou o mancebo a esclavinhar as mãos, e as ia erguendo no fervor de uma súplica; mas deu cobro de si, e disfarçou com enleio, receoso de que o tivesse percebido a maruja naquela atitude.

Dobrando o Pão d'Açúcar, com a proa para o norte, e o vento à bolina, sulcou a balandra ao longo da praia de Copacabana e Gávea. Conhecia Aires perfeitamente toda aquela costa com seus recantos, por tê-la freqüentemente percorrido no navio de seu pai, durante o cruzeiro que este fazia aos pichelingues.

Escolheu posição estratégica, em uma aba da Ilha dos Papagaios onde o encontramos, e colocou o velho gajeiro Bruno de atalaia no píncaro de um rochedo, para lhe dar aviso do primeiro navio que aparecesse.

Se o arrojado mancebo tinha desde o primeiro instante arrebatado a maruja pela sua intrepidez, a presteza e tino com que provera aos reparos da balandra, a segurança de sua manobra por entre os parcéis, e a sagacidade da posição que tomara, haviam inspirado a confiança absoluta, que torna a tripulação um instrumento cego e quase mecânico na mão do comandante.

Enquanto esperava, Aires vira do tombadilho passar uma canoinha de pescador, dirigida por uma formosa rapariga.

- Para aprender o meu novo ofício de corsário vou dar caça á canoa! exclamou o mancebo a rir. Olá, rapazes!

E saltou no bate!, acompanhado por quatro marujos que a um aceno esticaram os remos.

- Com certeza é espia dos calvinistas! Força, rapazes; carecemos de agarrá-la a todo o transe.

Facilmente foi a canoa alcançada, e trazida a bordo a rapariga, que ainda trêmula de medo, todavia já despregava dos lábios no meio dos requebros vergonhosos um sorriso brejeiro.

Vira ela e ouvira os chupões que lhe atirava à sorrelfa a boca de Aires apinhada à feição de beijo.

- Tocam a descansar, rapazes, e a refrescar. Eu cá vou tripular esta presa, enquanto não capturamos a outra.

Isto disse-o Aires a rir; e os marujos lhe responderam no mesmo tom.

V

O COMBATE

Desabava a tempestade, que desde o transmontar do sol estava iminente sobre a costa.

Passaram algumas lufadas rijas e ardentes: eram as primeiras baforadas da procela. Pouco depois caiu a refega impetuosa e cavou o mar, levantando enormes vagalhões.

Aires até ali bordejava com os estais e a bujarrona, entre as Ilhas dos Papagaios e a do Breu, mascarando a balandra de modo a não ser vista da escuna, que passava ao largo com as gáveas nos rizes.

Ao cair da refega porém, mandou Aires soltar todo o pano; e meter a proa direita sobre o corsário.

- Cheguem à fala, rapazes, gritou o comandante.

Cercaram-no sem demora os marujos.

- Vamos sobre a escuna com a borrasca, desarvorados por ela, traquete roto e o mais pano a açoitar o mastro. Percebeis?.

- Se está claro como o sol!

- Olhai os arpéus, que não nos escape das garras o inimigo. Quanto às armas, aproveitai este aviso de um homem que ele só a dormir entendia mais do ofício, que todos os marítimos do mundo e bem acordados. Para a abordagem não há como a machadinha; apunhada por um homem destemido, não é arma, senão braço e mão de ferro, que decepa quanto se lhe opõe. Não se carece de mais; um cabide d'armas servirá para a defesa, mas para o ataque, não.

Proferidas estas palavras, tomou Aires a machadinha que lhe fora buscar um grumete e passou-a na cinta sobre a ilharga.

- Alerta, rapazes; que estamos com eles.

Nesse momento, com efeito, a balandra acabando de dobrar a ponta da ilha estava no horizonte da escuna e podia ser avistada a cada instante. A advertência do comandante, os marujos dispersaram-se pelo navio, correndo uns às vergas, outros às enxárcias e escotas de mezena e traquete.

No portaló Aires comandava uma manobra, que os marinheiros de sobreaviso executavam ás avessas; de modo que em poucos momentos farrapos de vela estortegavam como serpentes em fúria, enroscando-se ao mastro; levantava-se de bordo medonha celeuma; e a balandra corria em árvore seca arrebatada pela tempestade.

Da escuna, que singrava airosamente, capeando à refega, viram os franceses de repente cair-lhes sobre como um turbilhão, o barco desarvorado, e orçaram para evitar o abalroamento. Mas de seu lado a balandra carregara, de modo que foi inevitável o choque.

Antes que os franceses se recobrassem do abalo produzido pelo embate, arremessavam-se no tombadilho da escuna doze demônios que abateram quanto se interpunha à sua passagem. Assim varreram o convés de proa a popa.

Só aí encontraram séria resistência. Um mancebo, que pelo trajo e aspecto nobre, inculcava ser o comandante da escuna, acabava de subir ao convés, e precipitava-se contra os assaltantes, seguido por alguns marinheiros que se haviam refugiado naquele ponto.

Mal avistou o reforço, Aires que debalde buscava com os olhos o comandante francês, pressentiu-o na figura do mancebo, e arrojou-se avante, abrindo caminho com a machadinha.

Foi terrível e encarniçada a luta. Eram para se medirem os dois adversários, na coragem como na destreza. Mas Aires tinha por si a embriaguez do triunfo que obra prodígios, enquanto o francês sentia apagar-se a estrela de sua ventura, e já não combatia senão pela honra e pela vingança.

Recuando ante os golpes da machadinha de Aires, que relampeava como uma chuva de raios, o comandante da escuna, acossado na borda, atirou-se da popa abaixo, mas ainda no ar o alcançara o golpe que lhe decepou o braço direito.

Um grito de desespero estrugiu pelos ares. Soltara-o aquela mulher que lá se arroja para a popa do navio, com os cabelos desgrenhados, e uma linda criança constrangida ao seio num ímpeto de aflição.

Aires recuou tocado de compaixão e respeito.

Ela, que chegara à borda do pavês de ré precisamente quando o mar rasgava os abismos para submergir O esposo, tomou um impulso para arrojar-se após. Mas o pranto da filha a retraiu desse primeiro assomo.

Voltou-se para o navio, e viu Aires a contemplá-la mudo e sombrio; estendeu para ele a criança, e depondo-lhe nos braços, desapareceu, tragada pelas ondas.

Os destroços da tripulação da escuna aproveitavam-se da ocasião para atacar á traição Aires, que eles supunham desprecatado; porém o mancebo apesar de comovido, percebeu-lhes o intento, e cingindo a criança ao peito com o braço esquerdo, marchou contra os corsários, que buscavam nas vagas, como seu comandante, a última e falaz esperança de salvação.

VI

A ÓRFÃ

O dia seguinte, com a viração da manhã, entrava galhardamente a barra do Rio de Janeiro uma linda escuna, que rasava as ondas como uma gaivota.

Não fora sem razão que o armador francês ao lançar do estaleiro aquele casco bem talhado com o nome de *Mouette,* lhe pusera na popa a figura do alcíon dos mares, desfraldando as asas.

À popa, na driça da mezena, tremulavam as quinas portuguesas sobre a bandeira francesa arreada a meio e colhida como um troféu.

No seu posto de comando, Aires embora atento à manobra, não podia de todo arrancar-se aos pensamentos que de tropel lhe invadiam o espírito, e o disputavam com irresistível tirania.

Fizera o mancebo uma presa soberba. Além do carregamento de pau-brasil com que sempre contara, e de um excelente navio mui veleiro e de sólida construção, achara a bordo da escuna avultado cabedal em ouro, quinhão que ao capitão francês coubera na presa de um galeão espanhol procedente do México, e tomado em caminho por três corsários.

Achava-se pois Aires de Lucena outra vez rico, e porventura mais do que o fora; deduzida a parte de cada marujo e o preço da balandra, ainda lhe ficavam uns cinqüenta mil cruzados, com os quais podia continuar por muito tempo a existência dissipada que levara até então.

Com a riqueza, voltara-lhe o prazer de viver. Naquele momento respirava com delícia a frescura da manhã, e seu olhar afagava amorosamente a pequena cidade, derramada pelas encostas e faldas do Castelo.

Apenas fundeou a escuna, largou Aires de bordo, e ganhando a ribeira, dirigiu-se á casa de Duarte de Morais.

Encontrou-o a ele e a mulher à mesa do almoço; alguma tristeza que havia nessa refeição de família, a chegada de Aires a dissipou como por encanto. Era tal a efusão de seu nobre semblante, que do primeiro olhar derramou um doce contentamento nas duas almas desconsoladas.

- Boas-novas, Duarte!

- Não carecia que falásseis, Aires, pois já no-lo tinha dito vosso rosto prazenteiro. Não é, Úrsula?

- Pois não fora?... O Senhor Aires vem que é uma páscoa florida.

- E não lhe pareça, que foram páscoas para todos nós.

Referiu o mancebo em termos rápidos e sucintos o que havia feito nos dois últimos dias.

- Aqui está o preço da balandra e vosso quinhão da presa como dono, concluiu Aires deitando sobre a mesa duas bolsas cheias de ouro.

- Mas isto vos pertence, pois é o prêmio de vosso denodo. Eu nada arrisquei senão algumas tábuas velhas, que não valiam uma onça.

- Valiam mil, e a prova é que sem as tábuas velhas, continuaríeis a ser um pobretão, e eu teria a esta hora acabado com o meu fadário, pois já vos disse uma vez: a ampulheta de minha vida é uma bolsa; com a derradeira moeda cairá o último grão de areia.

- Porque vos habituastes à riqueza; mas a mim a pobreza, apesar de sua feia catadura, não me assusta.

- Assusta-me a mim, Duarte de Morais, que não sei que há de ser de nos quando se acabar o resto das economias! acudiu Úrsula.

- Bem vedes, amigo, que não deveis sujeitar a privações a companheira de vossa vida, por um escrúpulo que me ofende. Não quereis reconhecer que esta soma vos é devida, nem me concedeis o direito de obsequiar-vos com ela; pois sou eu quem vos quero dever.

- A mim, Aires?

- Faltou-me referir uma circunstância do combate. A mulher do corsário francês arrojou-se ao mar, após o marido, deixando-me nos braços sua filhinha de colo. Roubei a essa inocente criança pai e mãe; quero reparar a

orfandade a que voluntariamente a condenei. Se eu não fosse o estragado e perdido que sou, lhe daria meu nome e a minha ternura!... Mas para um dia corar da vergonha de semelhante pai!... Não! Não pode ser!...

- Não exagereis vossos pecados, Aires; foram os ardores da juventude. Aposto eu que já vão arrefecendo, e quando essa criança tornar-se moça, também estareis de todo emendado! Não pensas como eu, Úrsula?

- Eu sei!... Na dúvida não me fiava, acudiu a linda carioca.

- O pai que eu destino a essa criança sois vós, Duarte de Morais, e vossa mulher lhe servirá de mãe. Ela deve ignorar sempre que teve outros, e que fui eu quem lhos roubei. Aceitem pois esta menina, e com ela a fortuna que lhe pertencia. Tereis ânimo de recusar-me este serviço, de que preciso para repouso de minha vida?

- Disponde de nós, Aires, e desta casa.

A um apito de Aires; apareceu o velho Bruno, carregando nos braços como uma ama-seca, a filha do corsário. Era um lindo anjinho louro, de cabelos anelados como os velos do cordeiro, com os olhos azuis e tão grandes, que lhe enchiam o rosto mimoso.

- Oh! que serafim! exclamou Úrsula tomando a criança das mãos rudes e calosas do gajeiro, e cobrindo-a de carícias.

Nessa mesma noite o velho Bruno por ordem do capitão regalava a maruja na taberna do Simão Chanfana, ao Beco da Fidalga.

Aires ai apareceu um momento para trincar uma saúde com os rapazes.

VII

O BATISMO

Domingo seguinte a bordo da escuna tudo era festa.

No rico altar armado á popa com os mais custosos brocados, via-se a figura de Nossa Senhora da Glória, obra de um entalhador de São Sebastião que a esculpira em madeira.

Embora fosse tosco o trabalho, saíra o vulto da Virgem com um aspecto nobre, sobretudo depois que o artífice tinha feito a encarnação e pintura da imagem.

Em frente ao altar achavam-se Aires de Lucena, Duarte de Morais e a mulher, além dos convidados da função. Úrsula tinha nos braços, envolta em alva toalha de crivo, a linda criancinha loura, que adotara por filha.

Mais longe, a maruja comovida com a cerimônia, fazia alas, esperando que o padre se paramentasse. Este não se demorou, com pouco apareceu no convés e subiu ao altar.

Começou então a cerimônia do benzimento da Virgem, que prolongou-se conforme o cerimonial da Igreja. Terminado o ato, todos até o último dos grumetes foram por sua vez beijar os pés da Virgem.

Em seguida se passou ao batismo da filha adotiva de Duarte de Morais. Foi madrinha Nossa Senhora da Glória, de quem recebeu a menina o nome que trouxe, pela razão de a ter Aires salvado no dia daquela invocação.

Esta razão porém calou-se; pois a criança foi batizada como filha de Duarte de Morais e Úrsula; e a explicação do nome deu-se com ter ela escapado de grave doença no dia 15 de agosto. Por igual devoção tomou-se a mesma Virgem Santíssima para padroeira da escuna, pois à sua divina e milagrosa intercessão se devia a vitória sobre os hereges e a captura do navio.

Depois da bênção e batismo da escuna, acompanharam todos em procissão o sacerdote que de imagem alçada dirigiu-se à proa onde tinham de antemão preparado um nicho.

Por volta do meio-dia terminou a cerimônia, e a linda escuna desfraldando as velas bordejou pela baía em sinal de regozijo pelo seu batismo, e veio deitar o ferro em uma

sombria e formosa enseada que havia na praia do Catete, ainda naquele tempo coberta da floresta que deu nome ao lugar.

Essa praia tinha dois outeiros que lhe serviam como de atalaias, um olhando para a barra, o outro para a cidade. Era ao sopé deste último que ficava a abra, onde fundeou a escuna *Maria da Glória,* à sombra das grandes árvores e do outeiro, que mais tarde devia tomar-lhe o nome.

Aí serviu-se lauto banquete aos convivas, e levantaram-se muitos brindes ao herói da festa, Aires de Lucena, o intrépido corsário, cujos rasgos de valor eram celebrados com um entusiasmo sincero, mas decerto afervorado pelas iguarias que trascalavam.

É sempre assim; a gula foi e há de ser para certos homens a mais fecunda e inspirada de todas as musas conhecidas.

Ao toque de trindades, cuidou Aires de voltar à cidade, para desembarcar os convidados; mas com pasmo do comandante e de toda a maruja não houve meio de safar a âncora do fundo.

Certos sujeitos mais desabusados asseguravam que sendo a praia coberta de árvores, na raiz de alguma fisgara a âncora, e assim explicavam o acidente. O geral, porém, vendo nisso um milagre, o referiam mais ou menos por este teor.

Segundo a tradição, Nossa Senhora da Glória agastada por terem-na escolhido para padroeira de um navio corsário, tomado aos hereges, durante o banquete abandonara o seu nicho da proa e se refugiara no cimo do outeiro, onde à noite se via brilhar o seu resplendor por entre as árvores.

Sabendo o que, Aires de Lucena botou-se para a praia e foi subindo a encosta do morro em demanda da luz, que lhe parecia uma estrela. Chegado ao tope, avistou a imagem da Senhora da Glória em cima de um grande seixo, e ajoelhado defronte um ermitão a rezar.

- Quem te deu, barbudo, o atrevimento de roubares a padroeira de meu navio, gritou Aires irado.

Ergueu-se o ermitão com brandura e placidez.

- Foi a senhora da Glória quem mandou-me que a livrasse da fábrica dos hereges e a trouxesse aqui onde quer ter sua ermida.

- Há de tê-la e bem rica, mas depois de servir de padroeira à minha escuna.

Palavras não eram ditas, que a imagem abalou do seixo onde estava e foi sem tocar o chão descendo pela encosta da montanha. De bordo viram o resplendor brilhando por entre o arvoredo, até que chegado à praia deslizou rapidamente pela flor das ondas em demanda da proa do navio.

Eis o que ainda no século passado, quando se edificou a atual ermida de Nossa Senhora da Glória, contavam os velhos devotos, coevos de Aires de Lucena. Todavia não faltavam incrédulos que metessem o caso à bulha.

A crê-los, o ermitão não passava de um mateiro beato, que se aproveitara da confusão do banquete para furtar a imagem do nicho, e levá-la ao cimo do outeiro, onde não tardaria a inventar uma romagem, para especular com a devoção da Virgem.

Quanto ao resplendor era em linguagem vulgar um archote que o espertalhão levara de bordo, e que servira a Aires de Lucena para voltar ao navio conduzindo a imagem.

VIII

A VOLTA

Dezesseis anos tinham decorrido.

Era sobre tarde.

Grande ajuntamento havia na esplanada do Largo de São Sebastião, ao alto do Castelo, para ver entrar a escuna *Maria da Glória.*

Os pescadores tinham anunciado a próxima chegada do navio, que bordejava fora da barra à espera de vento, e o povo concorria para saudar o valente corsário cujas surtidas ao mar eram sempre assinaladas por façanhas admiráveis.

Nunca ele tornava do cruzeiro sem trazer uma presa, quando não eram três, como nessa tarde em que estamos.

Tornara-se Aires com a experiência um consumado navegante, e o mais bravo e temível capitão de mar entre quantos sulcavam os dois oceanos. Era de recursos inesgotáveis; tinha ardis para lograr o mais esperto marítimo; e com o engenho e intrepidez multiplicava as forças de seu navio a ponto de animar-se a combater naus ou fragatas, e de resistir ás esquadras de pichelingues que se juntavam para dar cabo dele.

Todas estas gentilezas, a maruja bem como a gente do povo as lançava à conta da proteção da Virgem Santíssima, acreditando que a escuna era invencível, enquanto sua divina padroeira a não desamparasse.

Aires tinha continuado na mesma vida dissipada, com a diferença que a sua façanha da tomada da escuna lhe incutira o gosto pelas empresas arriscadas, que vinham assim distraí-lo da monotonia da cidade, além de lhe fornecer o ouro que ele semeava a mãos-cheias por seu caminho.

Em sentindo-se aborrido dos prazeres tão gozados, ou escasseando-lhe a moeda na bolsa, fazia-se ao mar em busca dos pichelingues que já o conheciam às léguas e fugiam dele como o diabo da cruz. Mas dava-lhes caça o valente corsário, e perseguia-os dias sobre dias até fisgar-lhes os arpéus.

Como o povo, também ele acreditava que à intercessão de Nossa Senhora da Glória devia a constante fortuna que uma só vez não o desajudara; e por isso tinha uma

devoção fervorosa pela divina padroeira de seu navio, a quem não esquecia de encomendar-se nos transes mais arriscados.

Tornando de suas correrias marítimas, Aires, da parte que lhe ficava líquida depois de repartir a cada marujo o seu quinhão, separava metade para o dote de Maria da Glória e a entregava a Duarte de Morais.

A menina crescera, estava moça, e a mais prendada em formosura e virtude que havia então neste Rio de Janeiro. Queria-lhe Aires tanto bem como à sua irmã, se a tivesse; e ela pagava com usura esse afeto daquele que desde criança aprendera a estimar como o melhor amigo de seu pai.

O segredo do nascimento de Maria da Glória fora respeitado, conforme o desejo de Aires. Além do corsário e dos dois esposos, só o gajeiro Bruno, agora piloto da escuna; sabia quem realmente era a gentil menina; para ela como para os mais, seus verdadeiros pais foram Duarte de Morais e Úrsula.

Nas torres os sinos a repicarem trindades, e da escuna um batel a largar enquanto roda o cabrestante ao peso da âncora. Vinha no batel um cavalheiro de aspecto senhoril, cujas feições tostadas ao sol ou crestadas pela salsugem do mar respiravam a energia e a confiança. Se nos combates o nobre parecer, assombrando-se com a sanha guerreira, infundia terror no inimigo, fora, e ainda mais neste momento, a expansão jovial banhava-lhe o semblante de afável sorriso.

Era Aires de Lucena esse cavalheiro; não mais o gentil e petulante mancebo; porém o homem tal como o tinham feito as pelejas e trabalhos do mar.

Na ponta da ribeira, que atualmente ocupa o Arsenal de Guerra, Duarte de Morais com os seus, ansioso esperava o momento de abraçar o amigo, e seguia com a vista o batel.

De seu lado Aires também já os avistara do mar, e não tirava deles os olhos.

Úrsula estava à direita do marido, e á esquerda Maria da Glória. Esta falava a um mancebo que tinha junto de si, e com a mão lhe apontava o batel já próximo a abicar.

Apagou-se o sorriso nos lábios de Aires, sem que ele soubesse explicar o motivo. Sentira um aperto no coração, que se dilatava naquela abençoada hora da chegada com o prazer de volver á terra, e sobretudo á terra da pátria, que é sempre para o homem o grêmio materno.

Foi pois já sem efusão e com o passo moroso que saltou na praia, onde Duarte de Morais abria-lhe os braços. Depois de receber as boas-vindas de Úrsula, voltou-se Aires para Maria da Glória que desviou os olhos, retraindo o talhe talvez na intenção de esquivar-se ás carícias que sempre lhe fazia o corsário á chegada.

- Não me abraça, Maria da Glória? perguntou o comandante com um tom de mágoa.

Corou a menina, e correu a esconder o rosto no seio de Úrsula.

- Olhem só! Que vergonhas!... disse a dona a rir.

No entanto Duarte de Morais, pondo a mão na espádua do mancebo, dizia a Aires:

- Este é Antônio de Caminha, filho da mana Engrácia, o qual vai agora para três semanas nos chegou do reino, onde muito se fala de vossas proezas; nem são elas para menos.

Dito o que, voltou-se para o mancebo:

- Aqui tens tu, sobrinho, o nosso homem; e bem o vedes que foi talhado para as grandes cousas que tem obrado.

Saudou Aires cortesmente ao mancebo, mas sem aquela afabilidade que a todos dispensava. Esse casquilho de Lisboa, que de improviso e a titulo de primo se introduzira na intimidade de Maria da Glória, o corsário não o via de boa sombra.

Quando a noite se recolheu a casa, levou Aires a alma cheia da imagem da moça. Até aquele dia não vira nela mais do que a menina graciosa e gentil, com quem se habituara a folgar. Naquela tarde, em vez da menina, achou uma donzela de peregrina formosura, que ele contemplara enlevado nas breves horas passadas a seu lado.

IX

PECADO

Ia agora Aires de Lucena todos os dias á casa de Duarte de Morais, quando de outras vezes apenas lá aparecia de longe em longe.

Havia ai um encanto que o atraía, e este, pensava o corsário não ser outro senão o afeto de irmão que votava a Maria da Glória, e crescera agora com as graças e prendas da formosa menina.

Mui freqüente era encontrá-la Aires a folgar em companhia do primo Caminha, mas á sua chegada ficava ela toda confusa e atada, sem ânimo de erguer os olhos do chão ou proferir palavra.

Uma vez, em que mais notou essa mudança, não se pôde conter Aires que não observasse:

- Estou vendo, Maria da Glória, que lhe meto medo?

- A mim, Senhor Aires? balbuciou ai menina.

- A quem mais?

- Não me dirá por quê?

- Esta sempre alegre, mas é ver-me e fechar-se como agora nesse modo triste e...

- Eu sou sempre assim.

- Não; com os outros não é, tornou Aires fitando os olhos em Caminha.

Mas logo tomando um tom galhofeiro continuou:

- Sem dúvida lhe disseram que os corsários são uns demônios!...

- O que eles são, não sei, acudiu Antônio de Caminha; mas aqui estou eu, que no mar não lhes quero ver nem a sombra.

- No mar têm seu risco; mas em seco não fazem mal; são como os tubarões, replicou Aires.

Nesse dia, deixando a casa de Duarte de Morais, conheceu Aires de Lucena que amava a Maria da Glória e com amor que não era de irmão.

A dor que sentira pensando que ela pudesse querer a outrem. que não ele, e ele somente, lhe revelou a veemência dessa paixão que se tinha imbuído em seu coração e ai crescera até que de todo o absorveu.

Um mês não era passado, que apareceram franceses na costa e com tamanha audácia que por vezes investiram a barra, chegando até a ilhota da Laje, apesar do Forte de São João na Praia Vermelha.

Aires de Lucena, que em outra ocasião fora dos primeiros a sair contra o inimigo, desta vez mostrou-se tíbio e indiferente.

Enquanto outros navios se aprestavam para o combate, a escuna *Maria da Glória* se embalava tranqüilamente nas águas da baía, desamparada pelo comandante, que a maruja inquieta esperava debalde, desde o primeiro rebate.

Uma cadeia oculta prendia Aires à terra, mas sobretudo à casa onde morava Maria da Glória, a quem ele ia ver todos os dias, pesando-lhe que o não pudesse a cada instante.

Para calar a voz da pátria, que ás vezes bradava-lhe na consciência, consigo encarecia a necessidade de ficar para a defensão da cidade, no caso de algum assalto, sobretudo

quando saía a perseguir os corsários, o melhor de sua gente de armas.

Sucedeu porém que Antônio de Caminha, mancebo de muitos brios, teve o comando de um navio de corso, armado por alguns mercadores de São Sebastião; do que mal o soube, Aires, sem mais detença foi se a bordo da escuna, que desfraldou as velas fazendo-se ao mar.

Não tardou que se não avistassem os três navios franceses, pairando ao largo. Galharda e ligeira, com as velas apojadas pela brisa e sua bateria pronta, correu a *Mana da Glória* a bordo sobre o inimigo.

Desde que fora batizado o navio, nenhuma empresa arriscada se tentava, nenhum lance de perigo se afrontava, sem que a maruja com o comandante à frente, invocasse a proteção de Nossa Senhora da Glória.

Para isso desciam todos a câmara da proa, já preparada como uma capela. A imagem que olhava o horizonte como a rainha dos mares, girando na peanha voltava-se para dentro, a fim de receber a oração.

Naquele dia foi Aires presa de estranha alucinação, quando rezava de joelhos, ante o nicho da Senhora. Na sagrada imagem da Virgem Santíssima, não via ele senão o formoso vulto de Maria da Glória, em cuja contemplação se enlevava sua alma.

Por vezes tentou recobrar-se dessa alheação dos sentidos e não o conseguiu. Foi-lhe impossível arrancar d'alma a doce visão que a cingia como um regaço de amor. Não era a Mãe de Deus, a Rainha Celestial que ele adorava nesse momento, mas a loura virgem que tinha um altar em seu coração.

Achava-se ímpio nessa idolatria, e abrigava-se em sua devoção por Nossa Senhora da Glória; mas ai estava seu maior pecado, que era nessa mesma fé tão pura, que seu espírito se desvairava, transformando em amor terrestre o culto divino.

Cerca de um mês Aires de Lucena esteve no mar, já combatendo os corsários e levando-os sempre de vencida, já dando caça aos que tinham escapado e castigando o atrevimento de ameaçarem a colônia portuguesa.

Durante esse tempo, sempre que ao entrar em combate, a equipagem da escuna invocava o patrocínio de sua madrinha, Nossa Senhora da Glória, era o comandante presa da mesma alucinação que já sentira, e erguia-se da oração com um remorso, que lhe pungia o coração pressago de algum infortúnio.

Pressentia o castigo de sua impiedade, e se arrojava na peleja receoso de que o desamparasse enfim a proteção da Senhora agravada; mas por isso não lhe minguava a bravura, senão que o desespero lhe ministrava maior furor e novas forças.

X

O VOTO

Ao cabo do seu cruzeiro, tornara Aires ao Rio de Janeiro onde entrou à noite calada, quando já toda a cidade dormia.

Havia tempos que soara no mosteiro o toque de completas; já todos os fogos estavam apagados, e não se ouvia outro rumor a não ser o ruído das ondas na praia, ou o canto dos galos, despertados pela claridade da lua ao nascer.

Cortando a flor das ondas alisadas, que se aljofravam como os brilhantes reçumos da espuma irisada pelos raios da lua, veio a escuna dar fundo em frente ao Largo da Polé.

No momento em que ao fisgar da âncora arfava o lindo navio, como um corcel brioso sofreado pela mão do ginete, quebrou o silêncio da noite um dobre fúnebre.

Era o sino da Igreja de Nossa Senhora do Ó que tangia o toque da agonia Teve Aires, como toda a equipagem, um aperto de coração ao ouvir o lúgubre anúncio. Não faltou

entre os marujos quem tomasse por mau agouro a circunstância de ter a escuna fundeado no momento em que começara o dobre.

Logo após abicava à ribeira o batel conduzindo Aires de Lucena, que saltou em terra ainda com o mesmo soçobro, e a alma cheia de inquietação.

Era tarde da noite para ver Duarte de Morais; mas não quis Aires recolher sem passar-lhe pela porta, e avistar-se com a casa onde habitava a dama de seus pensamentos.

Alvoroçaram-se os sustos de sua alma já aflita, encontrando aberta àquela hora adiantada a porta da casa, e as frestas das janelas esclarecidas pelas réstias de luz interior.

De dentro saía um rumor soturno como de lamentos, entremeados com reza

Quando deu por si, achava-se Aires, conduzido pelo som do pranto, em uma câmara iluminada por quatro círios colocados nos cantos de um leito mortuário. Sobre os lençóis e mais lívida que eles, via-se a estátua inanimada, mas sempre formosa, de Maria da Glória.

A nívea cambraia que lhe cobria o seio mimoso, afiava com um movimento quase imperceptível, mostrando que ainda não se extinguira de todo nesse corpo gentil o hálito vital.

Ao ver Aires, Úrsula, o marido e as mulheres que rodeavam o leito, ergueram para ele as mãos como um gesto de desespero e redobraram o pranto

Não os percebia porém o corsário; seu olhar baço e morno se fitara no vulto da moça e parecia entornar sobre ela toda sua alma, como uma luz que bruxuleia.

Um momento, as pálpebras da menina se ergueram a custo, e os olhos azuis, coalhados em um pasmo glacial, volvendo para o nicho de jacarandá suspenso na parede, cravaram-se na imagem de Nossa Senhora da Glória, mas cerraram-se logo.

Estremeceu Aires, e ficou um instante como alheio a si, e ao que passava em torno.

Lembrava-se do pecado de render ímpia adoração a Maria na imagem de Nossa Senhora da Glória, e via na enfermidade que lhe arrebatava a menina, um castigo de sua culpa.

Pendeu-lhe a cabeça acabrunhada, como se vergasse ao peso da cólera celeste; mas de chofre a ergueu com a resolução de ânimo que o arrojava ao combate, e por sua vez pondo os olhos na imagem de Nossa Senhora da Glória, caiu de joelhos com as mãos erguidas.

- Pequei, Mãe Santíssima, murmurou do fundo d'alma; mas vossa misericórdia é infinita. Salvai-a; por penitência de meu pecado andarei o ano inteiro no mar para não a ver; e quanto trouxer há de ser para as alfaias de vossa capela.

Não- eram proferidas estas palavras, quando estremeceu com um sobressalto nervoso o corpo de Maria da Glória. Entreabriu ela as pálpebras e exalou dos lábios fundo e longo suspiro.

Todos os olhos se fitaram ansiosos no formoso semblante, que ia se corando com uma tênue aura de vida.

- Torna a si! exclamaram as vozes a um tempo.

Ergueu Aires a fronte, duvidando do que ouvia. Os meigos olhos da menina ainda embotados pelas sombras da morte que os tinham roçado, fitaram-se nele; e um sorriso angélico enflorou a rosa desses lábios que pareciam selados para sempre.

- Maria da Glória! bradou o corsário arrastando-se de joelhos para a cabeceira do leito.

Demorou a menina um instante nele o olhar e o sorriso, depois volvendo-os ao nicho, cruzou as mãos ao peito, e balbuciou flebilmente algumas palavras de que apenas se ouviram estas:

- Eu vos rendo graças, minha celeste Madrinha, minha Mãe Santíssima, por me terdes ouvido...

Expirou-lhe a voz nos lábios; outra vez cerraram-se as pálpebras, e descaiu-lhe a cabeça nas almofadas. A donzela dormia um sono plácido e sereno. Passara a crise da enfermidade. Estava salva a menina.

XI

NOVENA

A primeira vez que Maria da Glória saiu da câmara para a varanda, foi uma festa em casa de Duarte de Morais.

Ninguém se cabia de contente com o regozijo de ver a menina outra vez restituída às alegrias da família.

De todos o que mostrava menos era Aires de Lucena, pois por instantes sua feição velava-se com uma nuvem melancólica; mas sabiam os outros que dentro d'alma ninguém maior, nem tamanho júbilo sentira, como ele; e sua tristeza naquele momento era a lembrança do que sofrera vendo a moça a expirar.

Aí estava entre outras pessoas da privança da casa, Antônio de Caminha que se houvera galhardamente na perseguição dos franceses, embora não lograsse capturar a presa a que dera caça.

Não escondia o moço o regozijo que sentia com o restabelecimento daquela a quem já tinha chorado, como perdida para sempre.

Nesse dia revelou Maria da Glória aos pais um segredo que escondia.

- É. tempo de saberem o pai e a mãe que fiz um voto a Nossa Senhora da Glória, e peço sua licença para o cumprir.

- Tu a tens! disse Úrsula.

- Fala; dize o que prometeste! acrescentou Duarte de Morais.

- Uma novena.

- O voto foi para te pôr boa? perguntou a mãe.

Corou a moça e confusa esquivou-se á resposta. Acudiu então Aires que até ali ouvira calado:

- Não se precisa saber o motivo; basta que o voto se fez, para se dever cumprir. Tomo sobre mim o que for preciso para a novena, e não consinto que ninguém mais se encarregue disso; estais ouvindo, Duarte de Morais?

Cuidou Aires desde logo nos aprestos da devoção, e para que se fizesse com o maior aparato, resolveu que a novena seria em uma capela do mosteiro, para a qual se transportaria de seu nicho da escuna a imagem de Nossa Senhora da Glória.

Diversas vezes foi ele com Maria da Glória e Úrsula a uma loja de capelista para se proverem de alfaias com que adornassem a sagrada imagem. O melhor ourives de São Sebastião incumbiu-se de fazer um novo resplendor cravejado de brilhantes, enquanto a menina com suas amigas recamava de alcachofras de ouro um rico manto de brocado verde.

Nestes preparativos consumiam-se os dias, e tão ocupado andava Aires com eles, que não pensava em outra cousa, nem já se lembrava do voto que fizera; passava as horas junto de Maria da Glória, entretendo-se com ela dos adereços da festa, satisfazendo-lhe as mínimas fantasias; essa doce tarefa o absorvia por modo que não lhe sobravam nem pensamentos para mais.

Afinal chegou o dia da novena, que celebrou-se com uma pompa ainda não vista na cidade de São Sebastião. Foi grande a concorrência de devotos que vieram de São Vicente e Itanhaem para assistir à festa.

A todos encantou a formosura de Maria da Glória, que tinha um vestido de riço azul com recamos de prata, e um colar de turquesas com arrecadas de safiras.

Mas suas jóias, de maior preço, as que mais a adornavam, eram as graças de seu meigo semblante que resplandecia com uma auréola celeste.

- Jesus!... exclamou uma velha beata. Podia-se tirar dali, e pô-la no altar que a gente havia de adorá-la como a própria imagem da Senhora da Glória.

Razão, pois, tinha Aires de Lucena, que toda a festa a esteve adorando, sem carecer de altar, e tão absorto, que de todo esqueceu o lugar onde se achava, e o fim que ali o trouxera.

Só quando, terminada a festa, ele saía com a família de Duarte de Morais, acudiu-lhe que não rezara na igreja, nem rendera graças à. Senhora da Glória por cuja milagrosa intercessão escapara a menina da cruel enfermidade.

Era tarde porém; e se passou-lhe pela mente a idéia de tornar à igreja para reparar seu esquecimento, o sorriso de Maria da Glória arrebatou-lhe de novo o espírito naquele enlevo, em que o tivera preso.

Depois da doença da menina dissipara-se o enleio que ela sentia na presença de Aires de Lucena. Agora com a chegada do corsário, em vez de acanhar~e, ao contrário expandia-se a flor de sua graça, e desabrochava em risos, embora roseados pelo pudor.

Uma tarde que passeavam os dous pela ribeira, em companhia de Duarte de Morais e Úrsula, Maria da Glória, vendo embalar-se airosamente sobre as ondas a escuna, soltou um suspiro e voltando-se para Lucena, disse-lhe:

- Agora tão cedo não vai ao mar!

- Por quê?

- Deve descansar.

- Somente por isso? perguntou Aires desconsolado.

- E também pelas saudades que deixa aos que lhe querem, e pelos cuidados que nos leva. O pai que diz? Não é assim?

- Certo, filha, que o nosso Aires de Lucena ia tem feito muito pela pátria e pela religião, para dar-nos também aos amigos alguma parte da sua existência.

- Toda vo-la darei doravante; ainda que tenha eu também saudades do mar, das noitadas de bordo, e daquele voar nas asas da borrasca, em que o homem acha-se face a face com a cólera do. céu. Mas, pois. assim o querem, seja feita a vossa vontade.

Estas últimas palavras proferiu-as Aires olhando para a menina.

- Não se pese disso, tornou-lhe ela; que em lhe apertando as saudades, embarcaremos todos na escuna, e iremos correr terras, onde nos levar a graça de Deus e de minha Madrinha.

XII

O MILAGRE

Correram meses, que Aires passou na doce intimidade da família de Duarte de Morais, e no enlevo de sua admiração por Maria da Glória.

Já não era o homem que fora; os prazeres em que outrora se engolfava, de presente os aborrecia, e tinha vergonha da vida dissipada que levara até ali.

Ninguém mais o via por tavolagens e folias, como nos tempos em que parecia sôfrego de consumir a existência.

Agora, se não estava em casa de Duarte de Morais, perto de Maria da Glória, andava pelas ruas a cismar.

Ardia o cavalheiro por abrir seu coração àquela que já era dele senhora, e muitas vezes fora com o propósito de falar-lhe do seu afeto.

Mas na presença da menina o desamparava a resolução que trazia; e sua voz afeita ao comando, e habituada a dominar o rumor da procela e o estrondo dos combates, balbuciava tímida e submissa uma breve saudação.

Era o receio de que a menina voltasse à esquivança de antes, e viesse a tratá-lo com a mesma reserva e acanhamento que tanto o magoava então.

Não se apagara de todo n'alma do corsário a suspeita de ser o afeto de Antônio de Caminha bem acolhido, se não já retribuído, por Maria da Glória.

É certo que a menina tratava agora o primo com afastamento e enleio, que mais se manifestava quando este a enchia de atenções e finezas.

Ora, Aires que se julgava aborrecido por merecer um tratamento semelhante, agora que todas as efusões da gentil menina eram para ele, desconfiava desse acanhamento, que podia encobrir um tímido afeto.

Assim é sempre o coração do homem, a revolver-se no constante ser e não ser em que se escoa a vida humana.

De sair ao mar, era cousa em que Aires já não tocava aos marujos da escuna, que mais ou menos andavam ao corrente do que havia. Se alguém lhes falava de fazerem-se ao largo, respondiam a rir, que o comandante encalhara n'água doce.

Muito tempo já era passado depois de sua última viagem, quando Aires de Lucena, querendo acabar com a incerteza em que vivia, animou-se a dizer à filha adotiva de Duarte de Morais, uma noite ao despedir-se dela:

- Maria da Glória, tenho um segredo para contar-lhe.

O lábio que proferiu estas palavras era trêmulo, e o olhar do cavalheiro retirou-se confuso do semblante da menina.

- Que. segredo é, Senhor Aires? respondeu Maria da Glória também perturba da.

- Amanhã lho direi.

- Olhe lá!

- Prometo.

No dia seguinte por tarde encaminhou-se o corsário para a casa de Duarte de Morais; ia resolvido a declarar-se com Maria da Glória e confessar-lhe o muito que a queria para sua esposa'. e companheira.

Levava o pensamento agitado e o coração inquieto como quem vai decidir de sua sorte. Às vezes apressava o passo, na sofreguidão de chegar; outras o retardava com receio do momento.

À Rua da Misericórdia encontrou-se com um ajuntamento, que o fez parar. No meio da gente via-se um homem idoso, com os cabelos já grisalhos da cabeça e da barba tão longos, que lhe desciam aos peitos e caiam sobre as espáduas.

Caminhava ele, ou antes se arrastava de joelhos, e levava em bandeja de metal um objeto, que tinha figura de mão cortada acima do punho.

Pensou Aires que era esta a cena, muito comum naqueles tempos, do cumprimento solene de uma promessa; e seguiu a procissão com olhar indiferente.

Ao aproximar-se porém o penitente, conheceu com horror que não era um *ex-voto* de cera, ou milagre, como o chamava o vulgo, o objeto posto em cima da salva; mas a própria mão cortada do braço direito do devoto, que às vezes levantava para o céu o coto mal cicatrizado ainda.

Inquiriu dos que o cercavam a explicação do estranho caso; e não faltou quem lha desse com particularidades que hoje fariam rir.

Tivera o penitente, que era mercador, um panarício na mão direita; e sobreveio-lhe grande inflamação de que resultou a gangrena. No risco de perder a mão, e talvez a vida, valeu-se o homem de São Miguel dos Santos,

advogado contra os cancros e tumores,. e prometeu-lhe dar para sua festa o peso em prata do membro enfermo.

Exalçou o Santo a promessa, pois sem mais auxílio de mezinhas, veio o homem a ficar inteiramente são, e no perfeito uso da mão, quando no juízo do físico pelo menos devia ficar aleijado.

Restituído à saúde, o mercador que era muito agarrado ao dinheiro, espantou-se com o peso que lhe haviam tomado do braço enfermo; e achando salgada a quantia, resolveu de esperar pela decisão de certo negócio, de cujos lucros tencionava tirar o preciso para cumprir a promessa.

Um ano decorreu porém sem que o tal negócio se concluísse, e ao cabo desse tempo começou a mão do homem a mirrar, a mirrar, até que ficou de todo seca e rija, como se fora de pedra.

Conhecendo então o mercador que estava sendo castigado por não haver cumprido a promessa, levou sem mais detença a prata que devia ao Santo; mas este já não a quis receber, pois ao amanhecer do outro dia achou atirada à porta da igreja a oferenda que ficara sobre o altar.

O mesmo foi da segunda e terceira vez, até que o mercador vendo que era sem remissão a sua culpa e devia expiá-la, decepou a mão já seca e vinha trazê-la, não só como símbolo do milagre, mas como lembrança do castigo.

Eis o que referiram a Aires de Lucena.

XIII

AO MAR

Já tinha desfilado a procissão e ficara a rua deserta, que ainda lã estava no mesmo lugar Aires de Lucena quedo como uma estátua.

Seus espíritos se tinham afundado em um pensamento que os submergiam como em um abismo. Lembrara-se que

também fizera um voto e ainda não o havia cumprido, dentro do ano que estava quase devolvido.

Horrorizava-o a idéia do castigo, que talvez já estava iminente. Tremia não por sua pessoa, mas por Maria da Glória, que a Virgem Santíssima ia levar, como São Miguel secara a mão que antes havia sarado.

Quando o corsário deu acordo de si e viu onde se achava, correu à praia, saltou na primeira canoa de pescador, e remou direito para a escuna, cujo garboso perfil se desenhava no horizonte iluminado pelos arrebóis da tarde.

- Prepara para largar! Leva âncora!... gritou ele apenas pisou no tombadilho.

Acudiu a maruja à manobra com a presteza do costume e aquele fervor que sentia sempre que o comandante a conduzia ao combate.

No dia seguinte ao amanhecer tinha a escuna desaparecido do porto, sem que houvesse noticia dela, ou do destino que levara.

Quando em casa de Duarte de Morais soube-se da nova, perderam-se todos em conjeturas acerca dessa partida súbita, que nada explicava; pois não havia indícios de andarem pichelingues na costa, e nem se falava de qualquer expedição contra aventureiros que porventura se tivessem estabelecido em terras da colônia.

Maria da Glória não quis acreditar na partida de Aires, e tomou por gracejo a notícia.

Afinal rendeu-se à evidência, mas convencida de que ausentara-se o corsário por alguns dias, senão horas, no ímpeto de combater algum pirata, e não tardaria voltar.

Sucederam-se porém os dias, sem que houvesse novas da escuna e de seu comandante. A esperança foi murchando no coração da menina, como a flor crestada pelo frio, e afinal desfolhou-se.

Apagara-se-lhe o sorriso dos lábios, e o brilho dos lindos olhos empanou-se com o soro das lágrimas choradas em segredo.

Assim foi se finando de saudades pelo ingrato que a tinha desamparado levando-lhe o coração.

Desde muito quê a gentil menina estremecia o cavalheiro; e daí nascera o soçobro que sentia em sua presença. Quando a cruel enfermidade assaltou-a, e que ela prostrada no leito, teve consciência de seu estado, o primeiro pensamento foi pedir a Nossa Senhora da Glória que não a deixasse morrer, sem dizer adeus àquele por quem somente quisera viver.

Não só ouvira seu rogo a Virgem Santíssima, como a restituíra à vida e ternura do querido de sua alma. Este era o segredo da novena que se tinha feito logo depois do seu restabelecimento.

A aflição de Aires durante a moléstia da menina, os desvelos que mostrava por ela, ajudando Úrsula na administração dos remédios e nos incessantes cuidados que exigia a convalescença, mas principalmente a ingênua expansão d'alma, que em crises como aquela, se desprende das misérias da terra, e paira em uma esfera superior: tudo isso rompera o enleio que havia entre os dous corações, e estabelecera uma doce correspondência e intimidade entre eles.

Nesse enlevo de querer e ser querida, vivera Maria da Glória todo o tempo depois da moléstia. Qual não foi pois o seu desencanto quando Aires se partiu sem ao menos dizer-lhe adeus, é quem sabe se para não mais voltar.

Cada dia que volveu foi para ela o suplício de uma esperança a renascer a cada instante para morrer logo após no mais cruel desengano.

Cerca de um ano era passado, em São Sebastião não havia novas da escuna *Maria da Glória.*

Para muita gente passava como certa a perda do navio com toda a tripulação: e em casa de Duarte de Morais já se trazia luto pelo amigo e protetor da família.

Maria da Glória porém tinha no coração um pressentimento de que Aires ainda vivia, embora longe dela, e tão longe que nunca mais o pudesse ver neste mundo.

Na crença do povo miúdo o navio do corsário andava no oceano encantado por algum gênio do mar; mas havia de aparecer quando quebrasse o encanto: o que tinha de suceder pela intrepidez e arrojo do destemido Lucena.

Essa versão popular ganhou mais força com os contos da maruja de um navio da carreira das Índias, que fazia escala em São Sebastião, vindo de Goa.

Referiam os marinheiros que um dia, sol claro, passara perto deles um navio aparelhado em escuna, cuja tripulação compunha-se toda de homens vestidos de compridas esclavinas brancas e marcadas com uma cruz negra no peito.

Como lhes observassem que talvez seriam penitentes, que iam de passagem, afirmavam seu dito, assegurando que os viram executar a manobra mandada pelo comandante; também vestido da mesma maneira.

Acrescentavam os marinheiros que muitos dias depois, em uma noite escura é de calmaria, tinham avistado ao largo o mesmo navio a boiar sem governo; mas todo resplandecente das luminárias dos círios acesos em capelas, e à volta, de uma imagem.

A tripulação, vestida de esclavina, rezava o terço; e as ondas banzeiras gemendo na proa, acompanhavam o canto religioso, que se derramava pela imensidade dos mares.

Para o povo, eram estas as provas evidentes de estar o navio encantado; e se misturava assim o paganismo com a devoção cristã, tinha aprendido este disparate com bom mestre, o grande Camões.

XIV

A VOLTA

Um ano, de dia a dia, andou Aires no mar.

Desde que se partira do Rio de Janeiro, não pusera o pé em terra, nem a avistara senão o tempo necessário para enviar um batel em busca das provisões necessárias.

Na tarde da saída, deixara-se Aires ficar na popa do navio até que de todo sumiu-se a costa; e então derrubara a cabeça aos peitos e quedara-se até que a lua assomou no horizonte.

Era meia-noite.

Ergueu-se e vestindo uma esclavina, chamou a maruja, a quem dirigiu estas palavras:

- Amigos, vosso capitão tem de cumprir um voto e fazer uma penitência. O voto é não tornar a São Sebastião antes de um ano. A penitência é passar esse ano todo no mar sem pisar em terra, assim vestido, e em jejum rigoroso, mas combatendo sempre os inimigos da fé. Vós não tendes voto a cumprir nem pecado a remir, sois livres, tomai o batel, recebei o abraço de vosso capitão, e deixai que se cumpra a sua sina.

A maruja abaixou a cabeça e ouviu-se um som rouco; era o pranto a romper dos peitos duros e calosos da gente do mar:

- Não há de ser assim! clamaram todos. Juramos acompanhar o nosso capitão na vida e na morte; não o podemos desamparar, nem ele despedir-nos para negar à gente a sua parte nos trabalhos e perigos. Sua sina é a de todos nós, e a deste navio onde havemos de acabar, quando o Senhor for servido.

Abraçou-os o corsário; e ficou decidido que toda a tripulação acompanharia seu comandante no voto e na penitência.

No dia seguinte cortaram os marujos o pano de umas velas rotas que tiraram no porão e arranjaram esclavinas para vestirem, fazendo as cruzes com dous pedaços de corda atravessadas.

Ao pôr do sol cantavam o terço ajoelhados à imagem de Nossa Senhora da Glória, ao qual levantou-se um nicho com altar, junto do mastro grande, a fim de acudirem mais prontos à manobra do navio.

Ao entrar de cada quarto, também rezavam a ladainha, à imitação das horas canônicas dos conventos.

Se porém sucedia aparecer alguma vela no horizonte e o vigia da gávea assinalava um pichelingue, de momento despiam as esclavinas, empunhavam as machadinhas, e saltavam à abordagem.

Destroçado o inimigo, tornavam à penitência e prosseguiam tranqüilamente na reza começada.

Quando completou um ano, que tinha a escuna deixado o porto de São Sebastião, à meia-noite, Aires de Lucena aproou para terra, e soprando fresca a brisa de leste, ao romper d'alva começou a desenhar-se no horizonte a costa do Rio de Janeiro.

Por tarde, a escuna corria ao longo da praia de Copacabana, e com as primeiras sombras da noite largava o ferro em uma abra deserta que ficava próxima da Praia Vermelha.

Saltou Aires em terra, deixando o comando a Bruno, com recomendação de entrar barra dentro ao romper do dia; e a pé seguiu para a cidade pelo caminho da praia, pois ainda se não tinha aberto na mata-virgem da Carioca a picada que mais tarde devia ser a rua aristocrática do Catete.

Ia sobressaltado o corsário com o que podia ter acontecido durante o ano de sua ausência.

Sabia ele o que o esperava ao chegar? Tornaria a ver Maria da Glória, ou lhe teria sido arrebatada, apesar da penitência que fizera?

As vezes parecia-lhe que ia encontrar a mesma cena da vez passada, e achar a moça de novo prostrada no leito da dor, mas desta para não mais erguer-se; porque a Senhora da Glória para o punir não ouviria mais a sua prece.

Eram oito horas quando Aires de Lucena chegou à casa de Duarte de Morais.

A luz interior filtrava pelas frestas das rótulas; e ouvia-se rumor de vozes, que falavam dentro. Era ali a casa de jantar, e Aires espiando viu à mesa toda a família reunida, Duarte de Morais, Úrsula e Maria da Glória, os quais estavam no fim da ceia.

Passado o soçobro de rever a menina, Aires foi à porta e bateu. Duarte e a mulher se entreolharam surpresos daquele bater fora de horas; Maria da Glória porém levou a mão ao seio, e disse com um modo brando e sereno:

- É ele, o Senhor Aires, que está de volta!

Que lembrança de menina! exclamou Úrsula.

- Não queres acabar de crer, filha, que meu pobre Aires há muito que está com Deus! observou Duarte melancólico.

- Abra o pai! respondeu Maria da Glória mansamente.

Deu ele volta à chave, e Aires de Lucena apertou nos braços ao amigo atônito de o ver depois de por tanto tempo o haver por morto.

Grande foi a alegria de Duarte de Morais e a festa de Úrsula com a volta de Aires.

Maria da Glória porém, se alguma cousa sentiu, não deu a perceber; falou com o cavalheiro sem mostra de surpresa, nem de contentamento, como se ele a tivesse deixado na véspera.

Este acolhimento indiferente confrangeu o coração de Aires, que ainda mais se afligia notando a palidez da moça, a qual parecia estar-se definhando como a rosa, a quem a larva devora o seio.

XV

O NOIVO

Em um mês, que tanto fazia desde a volta de Aires, não lhe dissera Maria da Glória uma palavra sequer acerca da longa ausência.

- Tão alheio lhe sou, que nem se apercebeu do ano que passei longe dela. De seu lado também não tocava o cavalheiro nesse incidente de sua vida[1] que desejava esquecer. Quando Duarte de Morais insistia com ele para saber a razão por que se partira tão inesperadamente, e por tanto tempo sem dar aviso aos amigos, o corsário esquivava-se à explicação e apenas respondia:

- Tive notícia do inimigo e fui-me sem detença. Deus Nosso Senhor ainda permitiu que tornasse ao cabo de um ano, e eu lhe rendo graças.

Convenceram-se quantos o ouviam falar assim, que havia um mistério na ausência do cavalheiro; e o povo miúdo cada vez mais persistia na crença de que a escuna estivera encantada todo aquele tempo.

O primeiro cuidado de Aires, logo depois de sua chegada, foi ir com toda a sua maruja levar ao mosteiro de São Bento o preço de tudo quanto haviam capturado, para ser aplicado à festa e ornato da capela de Nossa Senhora da Glória.

Acabado assim de cumprir o seu voto e a penitência a que se tinha sujeitado, não pensou Aires senão em viver como dantes para Maria da Glória, bebendo a graça de seu formoso semblante.

Mas não tornaram nunca mais os dias abençoados do íntimo contentamento em que tinham vivido outrora. Maria da Glória mostrava a mesma indiferença pelo que passava

em torno dela; parecia uma criatura já despedida deste vale de lágrimas, e absorta na visão do outro mundo.

Dizia Úrsula que essa abstração de Maria da Glória lhe ficara da doença, e só havia de passar em casando; pois não há para curar as meninas solteiras como os banhos da igreja.

Notara porém Aires que especialmente com ele tornava-se a menina mais arredia e concentrada; e vendo a diferença de seu modo para com Antônio de Caminha, de todo convenceu-se que a menina gostava do primo, e estava-se finando pelo receio de que ele, Aires, pusesse obstáculo a seu mútuo afeto.

Dias depois que essa idéia lhe entrou no espírito, achando-se em casa de Duarte de Morais, sucedeu que Maria da Glória de repente debulhou-se em pranto, e eram tantas as lágrimas que lhe corriam pelas faces como fios de aljôfares.

Úrsula que a viu nesse estado, exclamou:

- Que tens tu, menina, para chorar assim?

- Um peso do coração!... Chorando passa.

E a menina saiu a soluçar.

- Tudo isso é espasmo! observou Úrsula. Se não a casarem quanto antes, vai a mais, a mais, e talvez quando lhe quiserem acudir, não tenha cura.

- Já que se oferece a ocasião, carecemos tratar deste particular, Aires, em que desde muitos dias atrás ando para tocar-vos.

Perturbou-se Aires a ponto que faltou-lhe a voz para retorquir; foi a custo e com esforço que, vencida a primeira comoção, pôde responder.

- Estou ao vosso dispor, Duarte.

- É tempo de saberdes que Antônio de Caminha quer bem a Maria da Glória e já nos confessou o desejo que tem de a receber por esposa. Também a pediu o Fajardo, sabeis, aquele vosso camarada; mas esse é muito velho para ela; podia ser seu pai.

- Tem a minha idade, com diferença de meses, observou Aires com uma expressão resignada.

- Assentei não decidir sobre isso em vossa ausência, pois embora vos considerássemos perdido, não tínhamos essa certeza; e agora que nos fostes felizmente restituído, a vós compete decidir da sorte daquela que tudo vos deve.

- E Maria da Glória?... perguntou Aires já senhor de si. Retribui ela o afeto de Antônio de Caminha; e o quer por marido?

- Sou capaz de jurar, acudiu Úrsula.

- Não consenti que se lhe falasse nisto, sem primeiro sabermos se era de vosso agrado essa união. Mas ela ai está; podemos interrogá-la se o quereis, e será o melhor.

- Avisais bem, Duarte.

- Ide, Úrsula, e trazei-nos Maria da Glória; mas não careceis de preveni-la.

Com pouco voltou a mulher de Duarte acompanhada pela menina.

- Maria da Glória, disse Duarte, vosso primo Antônio de Caminha pediu vossa mão, e nós desejamos saber se é de vosso agrado casar-vos com ele.

- Já não sou deste mundo, para casar-me nele, respondeu a menina.

- Deixai-vos de idéias tristes. Haveis de recobrar a saúde; e com o casamento voltará a alegria que perdestes!

- Essa mais nunca!

- Enfim decidi de uma vez se quereis Antônio de Caminha por marido, pois melhor não creio que possais achar.

- É do agrado de todos, este casamento? perguntou Maria da Glória fitando os olhos em Aires de Lucena.

- De todos, começando por aquele que tem sido vosso protetor, e que tanto, se não mais do que vossos pais, tinha o direito de escolher-vos um esposo.

- Pois que foi escolhido por vós, Senhor Aires, aceito.

- O que eu ardentemente desejo, Maria da Glória, é que ele vos faça feliz.

Um triste sorriso desfolhou-se pelos lábios da menina.

Aires retirou-se arrebatado, porque sentiu romper-lhe do seio o soluço, por tanto tempo recalcado.

XVI

A BODA

Eram cerca de 4 horas de uma formosa tarde de maio.

Abriam-se de par em par as portas da Matriz, no alto do Castelo, o que anunciava a celebração de um ato religioso.

Já havia no adro de São Sebastião numeroso concurso de povo, que ali viera trazido pela curiosidade de assistir a cerimônia.

À parte, em um dos cantos da igreja, recostado ao ângulo, via-se um velho marujo que não era outro senão o Bruno.

O contramestre não estava nesse dia de boa sombra; tinha um semblante carrancudo, e às vezes fechando a mão calejada ferrava um murro em cheio na carapuça.

Quando seus olhos, espraiando-se pelo mar, encontravam a escuna, que de âncora a pique balouçava-se sobre as ondas, prestes a fazer-se de vela, o velho marujo soltava um suspiro ruidoso.

Depois voltava-se para a Ladeira da Misericórdia, como se contasse ver chegar desse lado alguma pessoa, por quem estivesse esperando.

Não se passou muito, que não apontasse no alto da subida, um préstito numeroso, o qual seguiu direito á portaria da Matriz.

Vinha no centro Maria da Glória, vestida de noiva, e cercada por um bando de virgens, todas de palma e capela, que iam levar ao altar a sua companheira.

Seguiam-se Úrsula, as madrinhas e outras damas convidadas para a boda, a qual era sem dúvida das de maior estrondo que se tinham celebrado até então na cidade de São Sebastião.

Aires de Lucena assim o determinara, e de seu bolso concorreu com o cabedal necessário para a maior pompa da cerimônia.

Logo após as damas, caminhava o noivo, Antônio de Caminha, entre os dois padrinhos, e no meio de grande cortejo de convidados, dirigido por Duarte de Morais e Aires de Lucena.

Ao entrar a portada da igreja, Aires destacou-se um momento para falar a Bruno, que avistando-o, viera a ele:

- Aprestou-se tudo?

- Tudo, meu capitão.

- Ainda bem; daqui a uma hora partiremos, e para não mais voltar, Bruno.

Ditas estas palavras, Aires entrou na igreja. O velho marujo que adivinhara quanto sofria naquele momento o seu capitão, ferrou outro murro na carapuça, e tragou o soluço que lhe estava estortegando na garganta.

Dentro da Matriz já os noivos tinham sido conduzidos ao altar, onde os esperava o vigário paramentado para celebrar o casamento, cuja cerimônia logo começou.

O corsário, de joelhos em um dos ângulos mais obscuros do corpo da igreja, assistia de longe ao ato; mas de momento a momento acurvava a fronte sobre as mãos esclavinhadas, come absorvido em fervente oração.

Não rezava, não; bem o quisera; mas um tropel de pensamentos se agitava em seu espírito abatido, que o arrastava ao passado, e o fazia reviver os anos devolvidos.

Repassava na mente seu viver de outrora, e acreditava que Deus lhe enviara do céu um anjo da guarda para o salvar. No caminho da perdição, ele o encontrara sob a forma de uma gentil criança; e desde esse dia sentira despertarem em sua alma os estímulos generosos, que o vício nela havia sopitado.

Mas por que, tendo-lhe enviado essa celeste mensageira, lha negara Deus quando a quis fazer a companheira de sua vida, e unir ao dele o seu destino?

Aí lembrou-se de que já uma vez Deus a quisera chamar ao céu, e só pela poderosa intercessão de Nossa Senhora da Glória a deixara viver, mas para outro.

- Antes não houvésseis atendido ao meu rogo, Virgem Santíssima! balbuciou Aires.

Nesse instante Maria da Glória, de joelhos aos pés do sacerdote, voltou o rosto com súbito movimento e fitou no cavalheiro estranho olhar, que a todos surpreendeu.

Era o momento em que o padre dirigia a interrogação do ritual; e Aires, prestes a ouvir o sim fatal, balbuciava ainda:

- Morta, ao menos ela não pertenceria a outro.

Um grito repercutiu pelo âmbito da igreja. A noiva caíra desmaiada aos pés do altar, e parecia adormecida.

Prestaram-lhe todos os socorros; mas embalde, Maria da Glória rendera ao Criador sua alma pura, e subira ao céu sem trocar a sua palma de virgem pela grinalda de noiva.

O que tinha cortado o estame da suave bonina? Fora o amor infeliz que ela ocultava no seio, ou a Virgem Santíssima a rogo de Aires?

São impenetráveis os divinos mistérios, mas podia nunca a filha ser a esposa feliz daquele que lhe roubara o pai, embora tudo fizesse junto depois para substituí-lo?

As galas da boda se trocaram pela pompa fúnebre; e á noite, no corpo da igreja, ao lado da essa dourada via-se ajoelhado e imóvel um homem que ali velou naquela posição, até o outro dia.

Era Aires de Lucena.

XVII

O ERMITÃO

Dias depois do funesto acontecimento, a escuna *Maria da Glória* estava fundeada no seio que forma a praia junto às abas do Morro do Catete.

Era o mesmo lugar onde vinte anos antes se fazia a festa do batismo, no dia em que se dera o caso estranho do desaparecimento da imagem da Senhora da Glória, padroeira da escuna.

Na praia estava um ermitão vestido de esclavina, seguindo com o olhar o batel que largara do navio e singrava para terra.

Abicando à praia saltou dele Antônio de Caminha, e foi direito ao ermitão a quem entregou a imagem de Nossa Senhora da Glória.

Recebeu-a o ermitão de joelhos e erguendo-se disse para o mancebo:

- Ide com Deus, Antônio de Caminha, e perdoai-me todo o mal que vos fiz. A escuna e quanto foi meu vos pertence: sede feliz.

- E vós, Senhor Aires de Lucena?

- Esse acabou; o que vedes não é mais que um ermitão, e não carece de nome, pois nada mais quer e nem espera dos homens.

Abraçou Aires ao mancebo, e afastou-se galgando a íngreme encosta do outeiro, com a imagem de Nossa Senhora da Glória cingida ao seio.

Na tarde daquele dia a escuna desfraldou as velas e deixou o porto do Rio de Janeiro onde nunca mais se ouviu falar dela, sendo crença geral que andava outra vez encantada pelo mar oceano, com seu Capitão Aires de Lucena e toda a maruja.

Poucos anos depois dos sucessos que aí ficam relatados, começou a correr pela cidade a nova de um ermitão que aparecera no Outeiro do Catete, e fazia ali vida de solitário, habitando uma gruta no meio das brenhas, e fugindo por todos os modos à comunicação com o mundo.

Contava-se que, alta noite, rompia do seio da mata um murmúrio noturno, como o do vento nos palmares; mas que aplicando-se bem o ouvido se conhecia ser o canto do terço ou da ladainha. Esse fato, referiam-no sobretudo os pescadores, que ao saírem ao mar, tinham muitas vezes, quando a brisa estava serena e de feição, ouvido aquela reza misteriosa.

Um dia, dous moços caçadores galgando a íngreme encosta do outeiro, a custo chegaram ao cimo, onde descobriram a gruta, que servia de refúgio ao ermitão. Este desaparecera mal os pressentiu; todavia puderam eles notar-lhe a nobre figura e aspecto venerável.

Trajava uma esclavina de burel pardo que lhe deixava ver os braços e artelhos. A longa barba grisalha lhe descia até o peito, misturada aos cabelos caídos sobre as espáduas e como ela hirtos, assanhados e cheios de maravilhas.

No momento em que o surpreenderam os dous caçadores, estava o ermitão de joelhos, diante de um nicho que ele próprio cavara na rocha viva, e no qual via-se a imagem de Nossa Senhora da Glória, alumiada por uma candeia de barro vermelho, grosseiramente fabricada.

Na gruta havia apenas uma bilha do mesmo barro e uma panela, na qual extraia o ermitão o azeite da mamona, que macerava entre dous seixos. A cama era o chão duro, e servia-lhe de travesseiro um toro de pau.

Estes contos feitos pelos dous moços caçadores excitaram ao último ponto a curiosidade de toda a gente de São Sebastião, e desde o dia seguinte muitos se botaram para o outeiro movidos pelo desejo de verificarem por si mesmos, com os próprios olhos, a verdade do que se dizia.

Frustrou-se-lhe porém o intento. Não lhes foi possível atinar com o caminho da gruta; e o que mais admirava, até os dous caçadores que o tinham achado na véspera, estavam de todo o ponto desnorteados.

Ao cabo de grande porfia, descobriram que havia o caminho desaparecido pelo desmoronamento de uma grande rocha, a qual formava uma como ponte suspensa sobre o despenhadeiro da íngreme escarpa.

Acreditou o povo que só Nossa Senhora da Glória podia ter operado aquele milagre, pois não havia homem capaz de tamanho esforço, no pequeno espaço de horas que decorrera depois da primeira entrada dos caçadores.

Na opinião dos mestres beatos, a Virgem Santíssima queria significar por aquele modo sua vontade de ser adorada em segredo e longe das vistas pelo ermitão; o que era, acrescentavam, um sinal de graça mui particular, que só obtinham raros e afortunados devotos.

Desde então ninguém mais se animou a subir ao píncaro do outeiro, onde estava o nicho de Nossa Senhora da Glória; porém vinham muitos fiéis até o lugar onde se fendera a rocha, para verem os sinais vivos do milagre.

Foi por esse tempo também que o povo começou a designar o Outeiro do Catete, pela invocação de Nossa Senhora da Glória; donde veio o nome que tem hoje esse bairro da cidade.

XVIII

O MENDIGO

Estava a findar o ano de 1659.

Ainda vivia Duarte de Morais, então com sessenta e cinco anos, mas viúvo da boa Úrsula que o deixara havia dez para ir esperá-lo no céu.

Era por tarde, tarde cálida, mas formosa, como são as do Rio de Janeiro durante o verão.

O velho estava sentado em um banco à porta de casa, tomando o fresco, e cismando nos tempos idos, quando se não distraia em ver os meninos que folgavam pela rua.

Um mendigo, coberto de andrajos e arrimado a uma muleta, aproximou-se e parando em frente ao velho esteve por muito tempo a olhá-lo, e à casa, que aliás não merecia tamanha atenção.

Notou afinal o velho Duarte aquela insistência, e remexendo no largo bolso da véstia, lá sacou um real, com que acenou ao mendigo.

Este com um riso pungente, que lhe contraiu as feições já decompostas, achegou-se para receber a esmola. Apertando convulso a mão do velho, beijou-a com expressão de humildade e respeito.

Não se demorou porém, arrancando-se à comoção e afastou-se rápido. Sentiu o velho Duarte ao recolher a mão que ela ficara úmida do pranto do mendigo. Seus olhos cansados da velhice acompanharam o vulto coberto de andrajos; e já este havia desaparecido, que ainda eles estendiam pelo espaço a sua muda interrogação.

Quem havia no mundo ainda para derramar aquele pranto de ternura ao encontrá-lo a ele, pobre. peregrino da vida que chegava só ao termo da romagem?

- Antônio de Caminha! murmuraram os frouxos lábios do velho.

Não se enganara Duarte de Morais. Era de feito Antônio de Caminha, quem ele entrevira mais com o coração do que com a vista já turva, entre a barba esquálida e as rugas precoces do rosto macilento do mendigo.

Que desgraças tinham abatido o gentil cavalheiro nos anos decorridos?

Partido do porto do Rio de Janeiro, Antônio de Caminha aproou para Lisboa, onde contava gozar das riquezas, que lhe havia legado Aires de Lucena, quando morrera para o mundo.

Caminha era dessa têmpera de homens, que não possuindo em si bastante fortaleza de ânimo para resistir ao infortúnio, buscam atordoar-se.

O golpe que sofrera com a perda de Maria da Glória o lançou na vida de prazeres e dissipações, qual outrora a vivera Aires de Lucena, se não era ainda mais desregrada.

Chegado à Bahia,. por onde fez escala, foi Antônio de Caminha arrastado pelo fausto que havia na então capital do Estado do Brasil, e de que nos deixou notícia o cronista Gabriel Soares.

A escuna, outrora consagrada à Virgem Puríssima, transformou-se em uma taverna de bródios e convívios. No tombadilho onde os rudes marinheiros ajoelhavam para invocar a proteção da sua Gloriosa Padroeira, não se via agora senão a mesa dos banquetes, nem se escutavam mais que falas de amor e bocejos de ébrios.

A dama, em tenção de quem se davam esses festins, era uma cortesã da cidade do Salvador, tão notável pela formosura, como pelos escândalos com que afrontava a moral e a igreja.

Um dia teve a pecadora a fantasia de trocar o nome de *Maria da Glória* que tinha a escuna, pelo de *Maria dos Prazeres* que ela trouxera da pia, e tão próprio lhe saíra.

Com o espírito anuviado pelos vapores do vinho, não teve Antônio de Caminha força, nem vontade de resistir ao requebro d'olhos que lançou-lhe a dama.

Bruno, o velho Bruno, indignou-se quando soube disso, que para ele era uma profanação. À sua voz severa, os marujos sentiram-se abalados; mas o capitão afogou-lhes os escrúpulos em novas libações. Essas almas rudes e viris, já o vício as tinha enervado.

Naquela mesma tarde consumou-se a profanação. A escuna recebeu o nome da cortesã; e o velho, da amurada onde assistira à cerimônia, arrojou-se ao mar, lançando ao navio esta praga:

- A Senhora da Glória te castigue, e aqueles que te fizeram alcouce de barregãs.

XIX

A PENITÊNCIA

Antes de findar a semana largou a escuna *Maria dos Prazeres* do porto do Salvador, com o dia sereno e mar de bonança, por uma formosa manhã de abril.

Tempo mais de feição para a partida não o podiam desejar os marujos; e todavia despediam-se eles tristes e soturnos da linda cidade do Salvador, e suas formosas colinas.

Ao suspender do ferro partira-se a amarra, deixando a âncora no fundo, o que era mau agouro para a viagem. Mas Antônio de Caminha riu-se do terror de sua gente, e meteu o caso à bulha.

- Isto quer dizer que havemos de tornar breve a esta boa terra, pois cá nos fica a âncora do navio, e a de nós outros.

Singrava a escuna dias depois com todo o pano, cutelos e varredouras. Estava o sol a pino; os marujos dormitavam abrigados pela sombra das velas.

À proa assomava dentre as ondas um rochedo que servia de pouso a grande quantidade de alcatrazes ou corvos do mar, cujos pias lúgubres ululavam pelas solidões do oceano.

Era a ilha de Fernando de Noronha.

Ao passar fronteira a escuna, caiu um pegão de vento, que arrebatou o navio e o despedaçou contra os rochedos, como se fora uma concha da praia.

Antônio de Caminha que sesteava em seu camarim, depois de muitas horas, ao dar acordo de si, achou-se estendido no meio de uma restinga sem atinar em como fora para ali transportado, e o que era feito de seu navio.

Só ao alvorecer, quando o mar rejeitou os destroços da escuna e os corpos de seus companheiros, compreendeu ele o que era passado.

Muitos anos viveu o mancebo ali, naquele rochedo deserto, nutrindo-se de mariscos e ovos de alcatrazes, e habitando uma gruta, que usurpara a esses companheiros de seu exílio.

Às vezes branquejava uma vela no horizonte; mas debalde fazia ele sinais, e lançava não gritos já, mas rugidos de desespero. O navio singrava além e perdia-se na imensidade dos mares.

Afinal o recolheu um bergantim que tornava ao reino. Eram passados anos, dos quais perdera a conta. Ninguém já se lembrava dele.

Várias vezes, tentou Caminha a fortuna, que se de todas lhe sorriu, foi só para mais cruel tornar-lhe a malogro das esperanças. Quando ia medrando, e a vida se embelecia aos raios da felicidade, vinha o sopro da fatalidade que de novo o abatia.

Mudava de profissão, mas não mudava de sorte. Afinal cansou na luta, resignando-se a viver da caridade pública, e a morrer quando esta o desamparasse.

Um pensamento porém o dominava, que o trazia constantemente à ribeira, onde suplicava a todos os marítimos que passavam, a esmola de levá-lo ao Rio de Janeiro.

Achou enfim quem dele se comiserasse; e ao cabo de bem anos aportara a São Sebastião. Chegara naquela hora e atravessava a cidade, quando viu o tio à porta da casa.

Deixando o velho Duarte, seguiu além pelo Boqueirão da Carioca, e foi até a abra que ficava nas fraldas do Outeiro do Catete, no mesmo ponto em que trinta anos antes se despedira de Aires de Lucena.

Galgou a encosta pelo trilho que então vira tomar o corsário, e achou-se no tope do outeiro. Aí o surpreendeu um gemido que saía da próxima gruta.

Penetrou o mendigo na caverna, e viu prostrado por terra o corpo imóvel de um ermitão. Ao ruído de seus passas, soergueu este as pálpebras, e seus olhas baços se iluminaram.

A custo levantou a mão apontando para a imagem de Nossa Senhora da Glória, posta em seu nicho à entrada da gruta; e cerrou de novo os olhos.

Já não era deste mundo.

EPÍLOGO

Antônio de Caminha aceitou o legado de Aires de Lucena. Vestiu a esclavina do finado ermitão, e tomou conta da gruta onde aquele vivera tantos anos.

Viera àquele sítio como em santa romaria para obter perdão do agravo que fizera à imagem de Nossa Senhora da Glória, e chegara justamente quando expirava o ermitão que a servia.

Resolveu pois consagrar o resto de sua vida a expiar nessa devoção a sua culpa; e todos os anos no dia da Assunção,

levantava uma capela volante, onde celebrava-se a glória da Virgem Puríssima.

Toda a gente de São Sebastião e muita de fora ia em ramagem ao outeiro levar as suas promessas e esmolas, com as quais pôde Antônio de Caminha construir em 1671 uma tosca ermida de taipa, no mesmo sítio onde está a igreja.

Com o andar dos tempos arruinou-se a ermida, sobretudo depois que, entrado pelos anos, rendeu alma ao Criador o ermitão que a tinha edificado.

Antônio de Caminha finou-se em cheiro de santidade, e foi a seu rogo sepultado junto do primeiro ermitão do outeiro, cujo segredo morreu com ele.

Mais tarde, já no século passado, quando a grande mata do Catete foi roteada e o povoado estendeu-se pelas aprazíveis encostas, houve ali uma chácara, cujo terreno abrangia o outeiro e suas cercanias.

Tendo-se formado uma irmandade para a veneração de Nossa Senhora da Glória, que tantos milagres fazia, os donos da chácara do Catete cederam o outeiro para a edificação de uma igreja decente e seu patrimônio.

Foi então que se tratou de construir o templo que atualmente existe, ao qual se deu começo em 1714.

****

SOBRE O AUTOR E SUA OBRA

JOSÉ MARTINIANO DE ALENCAR nasceu em Mecejana, Ceará, em 1º de maio de 1829, e faleceu no Rio de Janeiro em 12 de dezembro de 1877. Bacharelou-se em Letras no Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, e em Direito na Faculdade de São Paulo. Em 1847 escreveu seu primeiro romance, "Os Contrabandistas", que jamais foi publicado porque Alencar tinha um hóspede desatendo que acendia o cachimbo com as folhas manuscritas da obra.

Formado em Direito em 1850, transferiu-se para o Rio de Janeiro onde iniciou sua carreira de advocacia e começou a colaborar no "Jornal do Comércio". Em 1856 escreveu "Cartas sobre a Confederação dos Tamoios", o que lhe valeu a projeção nos meios literários a partir de então. Além de advogado, jornalista e romancista, foi professor, orador, crítico, deputado em várias legislaturas e Ministro da Justiça em 1868. Patrono da cadeira número 23 da Academia Brasileira de Letras.

José de Alencar não conseguiu realizar a ambição que nutriu, de tornar-se senador. E politicamente experimentou o desgosto de memorável desentendimento com o Imperador. Ganhou lugar em nossa História como romancista, fundando o romance histórico nacional.

De sua vasta obra fez Manuel Bandeira uma classificação de acordo com o gênero de seus romances:

Romances mundanos:

"Cinco Minutos", "A Viuvinha", "A Pata da Gazela", "Sonhos d'Ouro", "Diva", "Lucíola", "Senhora", onde fixou tipos e a vida da corte no século passado.

Romances históricos:

"As Minas de Prata", "A Guerra dos Mascates", "O Garatuja" "Alfarrábios"; regionais: "O Gaúcho" e "O Sertanejo"; sociais: "Til", "O Tronco do Ipê".

Romances indianistas:

"O Guarani", "Iracema" é "Ubirajara". Como teatrólogo: "0 Demônio Familiar"; "Mãe"; "Verso e Reverso"; "As Asas de um Anjo"; e "0 Jesuíta".

José de Alencar introduziu o indianismo na prosa, o que já fizera Gonçalves Dias na poesia. De admirável poder descritivo, soube retratar a nossa natureza com cores maravilhosas. Seu estilo é retórico e brilhante, porém, descuidado na gramática, com que, ao lado de palavras do tupi-guarani, procurou criar a língua brasileira. Bateu-se também pela autonomia da nossa literatura.

O romance "0 Guarani" apesar de não ser o mais importante é um dos mais populares, tendo sido inclusive aproveitado na ópera de Carlos Gomes, O Guarani. Esse romance apresenta o consórcio do povo invasor, o europeu, com o Indígena. Esta afirmativa vem simbolizada no romance através da fuga, durante a enchente, de Peri e Ceci, onde assistimos à confissão de amor de ambos. Este fato comprova o intercâmbio feito entre as duas raças que inicialmente compuseram a nossa etnia.

O romance O Guarani, além de ser um romance histórico, traz como personagem, a família de D. Antônio de Mariz, personagem real. A natureza em José de Alencar tem um tratamento de exaltação extrema, para valorizar a terra - numa defesa da tese nacionalista de valorização do homem e da terra pátria. As suas descrições da natureza são infindas, sempre ressaltando a riqueza da fauna e da flora principalmente.

A estrutura do romance, em Alencar, já é bastante diferente da estrutura dos romances de Macedo, pois o autor desenvolve vários planos narrativos simultaneamente. As técnicas de exposição aplicadas nos seus romances são: a descritiva, usada em excesso, porém, constitui um documento fiel dos usos e dos costumes da época. Também a narração é bastante

representativa e o diálogo aparece em escala menor. A obra de Alencar é de valor e seus romances não são de um diletante, pois quando chegam ao público o fazem com um grau bastante considerado de maturidade. Sabemos que foi um incansável ledor e conhecedor "in loco" da natureza brasileira. Tinha grande cultura e erudição. Para composição dos romances históricos lia crônicas coloniais. Sofreu Influência dos românticos ingleses e franceses.

José de Alencar fez uma elaboração de um grande romance histórico (Os Contrabandistas começado por volta de 1847, mas não concluído), acabou por estrear com um "romancete" Cinco Minutos, publicado, anonimamente, em folhetins do Diário do Rio de janeiro, e escrito à pressa, tão-só para atender ao gosto do público, desde A Moreninha, de Macedo, cada vez mais interessado em "histórias" sentimentais vividas por moças da sociedade carioca.

CINCO MINUTOS

O romancete de estréia era apenas uma "história curiosa", ocorrida há dois anos com o Autor anônimo do folhetim, e relatada à sua prima D. . ., interessada em saber os motivos Por que ele, jovem, rico, elegante, disputado pelas moças da sociedade do Rio de janeiro e, em matéria de conquistas um dos célebres "leões" dessa sociedade, desaparecera da Corte.

Tendo perdido - começa o Autor a sua história - por cinco minutos, o "ônibus" para Andaraí, teve de esperar o seguinte; e neste aconteceu encontrar uma estranha mulher, cujas feições não conseguira definir, pelo véu que lhe ocultava o rosto, mas que lhe parecera jovem e bela. Abordando-a, teve a surpresa da correspondência de um furtivo aperto de mão. Animado por essa correspondência e intrigado com o mistério que parecia envolver a vida de tal mulher, tentou abordá-la diretamente; mas nesse momento ela saltou da carruagem e lhe deixou uma frase tão intrigante quanto seu parecer, - non ti scordar di me (da ópera OTrovador, de Verdi, então nos palcos cariocas).

Seduzido pela figura da enigmática mulher e por tudo que de estranho revelava seu comportamento, empenhou-se,

durante dias, na sua conquista; e - após vários incidentes, que foram verdadeiras peripécias, que contribuíram para tornar ainda mais excitante a situação em que se envolvera, veio ele, o Autor, a conhecer a misteriosa mulher: tratava-se de uma jovem que, na realidade, correspondia em beleza e ainda em retribuição de amor, a tudo que ele imaginara; chamava-se Carlota, tinha 16 anos, há tempos o amava, sem que ele soubesse, e a ele já teria oferecido seu destino, não estivesse condenada, por insidiosa doença (tuberculose). Mais peripécias, motivadas pela fuga de Garlota, na companhia da mãe, em busca de climas que lhe restituíssem a saúde (Petrópolis e depois a Itália) e também para se afastar de uma paixão em que sabia que sacrificaria o amado.

Mais forte, entretanto, que as razões de Carlota, era a paixão do Autor: vencendo dificuldades de toda ordem, o que tomou ainda mais empolgante sua conquista, conseguiu chegar a Nápoles, para dar à amada, já no fim de sua breve existência, pelo menos o conforto de uma assistência afetiva e moral. Passados alguns dias, num melancólico entardecer, Carlota, quase a morrer, pediu-lhe que sorvesse, num primeiro e último beijo, a sua alma... ; e nesse momento operou-se (como depois explicaram os médicos) um verdadeiro "milagre do amor". Carlota reviveu; e passado algum tempo, recuperada a saúde, casou-se com seu amado.

Completada uma venturosa viagem de núpcias, pela Europa, de que trouxeram ambos as mais belas e inesquecíveis recordações, vieram a esconder e preservar sua felicidade conjugal, num lindo retiro, numa montanha de Minas, donde o Autor, então, escrevia à prima, contando-lhe a história de amor que, sem dúvida, fá-la-ia compreender a razão de seu desaparecimento da sociedade carioca, em tudo, mas principalmente pela falsidade dos sentimentos, contrária à verdadeira e pura felicidade matrimonial.

Terminado o romancete (a expressão é do próprio José de Alencar) estava, evidentemente, satisfeita a curiosidade da prima, e - é de crer - o gosto dos leitores por tal gênero de leitura, o que é de concluir, pois o folhetim teve o seu êxito.

Animado por tal êxito, mas também pela facilidade com que lhe corria a imaginação e a pena, no desenvolvimento de uma história sentimental, "ocorrida" na sociedade carioca, José de Alencar lançou-se, logo a seguir (janeiro e fevereiro de 1857), à publicação, no mesmo jornal, de outro romance em folhetins - A Viuvinha, muito naturalmente no gênero do anterior.

A VIUVINHA

É a "história" de dois jovens (Carolina, de 15 anos, e Jorge, de 24), que, embora se amando intensamente e com todo o direito desse amor, tiveram de vencer toda sorte de reveses, para chegar à merecida felicidade do matrimônio; ou para usar de uma interpretação do próprio Autor: o romance da Viuvinha era, em síntese, a história da "felicidade depois de cruéis e terríveis Provações". Quanto ao gênero, fazia questão de dizer o Autor, que continuava anônimo, não se tratava de um romance, isto é, de obra de ficção, inventada e campanuda, mas apenas de uma narração "simples e fiel de uma pequena história". Quanto ao estilo era, mais uma vez, uma conversa do Autor com sua prima D... .

José de Alencar resolve, em 1857, escrever peças de teatro. 0 Jesuíta, a mais ruidosa de suas peças, escrita em 1875, pertencem a Alencar: "Verso e Reverso", comédia em dois atos; "0 Demônio Familiar" (1857), "As Asas de uni Anjo" (1860), comédia; "Mãe" (1862), drama; "A Expiação" (1865), comédia; "O Crédito" (1867). Em, 1860, escreve uma comédia lírica em dois atos "Noite de São João", um tipo de opereta, que recebeu música do maestro Elias Lobo.

Seus romances constituem a parte mais importante e extensa de sua obra: "O Guarani(1857), "Cinco Minutos" (1860), "A Viuvinha" (1860), "Lucíola" (1862), "Diva" (1864), "As Minas de Prata" (1864-1865), "Iracema" (1865), "O Gatíclio" (1870), "A Pata da Gazela" (1870), "0 Tronco do Ipê (1871), "Sonhos D'Ouro" (1872), "Til" (1872), "Alfarrábios" (1873), "A Guerra dos Mascates" (1873-1874), "Ubirajara" (1874), "Senhora" (1875), "O Sertanejo" (1876) e "Encarnação" (1877).

José de Alencar realizou única obra romancística que abarca toda a realidade brasileira. O indianismo está presente em romances como "O Guarani", "Iracema" e "Ubirajara".

O urbanismo, a apresentação de tipos e problemas urbanos, está retratado por "A Viuvinha", "Cinco Minutos", "Lucíola", "A Pata da Gazela", "Sonhos D'Ouro", "Encarnação" e "Senhora", seu último e mais representativo romance da realidade urbana.

No campo do romance regionalista Alencar contribuiu com "O Gaúcho", "O Tronco do Ipê", "Til" e "O Sertanejo", e no ao romance histórico aparece com "As Minas de Prata" e "A Guerra dos Mascates", principalmente.

O Guarani
(um romance brasileiro)

"EPOPÉIA DA FORMAÇÃO DA NACIONALIDADE" Dom Antônio de Mariz, fidalgo português residente no Brasil, que não se conformava com a dominação espanhola, após perder Portugal a sua independência política, em 1580, construiu uma ampla e espaçosa casa no sertão, às margens do rio Paquequer, afluente do rio Paraíba.

A casa era verdadeira fortaleza, protegida por muralhas de rocha a pique. Dom Antônio de Mariz vivia em companhia da esposa, Dona Lauriana, de seus dois filhos: Dom Diogo de Mariz e Cecília, a qual tinha então 18 anos; de seu escudeiro e amigo A ires Gomes; de uma sobrinha, Isabel (que todos sabiam ser filha natural de Dom Antônio e de uma índia), e de um fidalgo chamado Álvaro. Além desses personagens, havia, a serviço de Dom Antônio, um grupo de aventureiros, destacando-se entre eles Loredano, um ex-frade. Aparece, logo nas primeiras páginas do romance, o Índio Peri, da nação Goitacá, que se torna companheiro e protetor de Ceci e da família desta. Dom Diogo de Mariz matara casualmente uma índia da tribo Aimoré. Este fato exaspera a família da índia que pretende vingar-se. Espreitam a casa, e, aproveitando-se do banho de Cecília e Isabel em águas do Paquequer, pretendem flechar Cecília, quando Peri, vigilante, mata-os.

Uma índia, que a tudo assistira, foge e vai contar aos de sua tribo: esse é o motivo da guerra que os selvagens vão mover a Dom Antônio de Mariz. Loredano, quando ainda era frade, havia conseguido de um moribundo, o roteiro das famosas minas de ouro de Robério Dias e, impulsionado por desmedida ambição de enriquecer, deixou o hábito monacal com o fito de procurar o tesouro. Está com empregado de Dom Antônio temporariamente; seu plano é assaltar a casa e no momento oportuno; mataria todos (menos Cecília pela qual sente forte paixão e que ambiciona fazer sua esposa) e, em seguida, explorar o ouro das minas de Robério Dias.

Através de tramas diabólicas, aliciando-se como comparsa aos outros aventureiros, tentará por todos os meios concretizar seus planos que, entretanto, sempre falham, graças à vigilância de Peri que não perde Loredano de vista. Álvaro ama Cecília, que não lhe corresponde. Isabel é que nutre grande paixão por Álvaro e se tortura de ciúmes vendo a atenção que Álvaro dá à prima. Aos poucos, no decorrer do romance, os sentimentos de Álvaro vão se voltando para Isabel, por causa de Dona Lauriana, que não gosta de Peri. Este, obedecendo a Dom Antônio, está prestes a voltar para sua tribo, deixando Cecília.

Mas, ao saber de Peri que os aimorés se aproximam para sitiar e atacar a casa, mudam-se os planos de Dom Antônio: Peri ficará. Dom Antônio, temendo pelos filhos e querendo solicitar socorros, envia Dom Diogo ao Rio de Janeiro. Loredano, depois que Peri denuncia a Álvaro os planos diabólicos que tem, vai também partir com Dom Diogo, mas, iludindo a vigilância deste, deixa-o a meio do caminho, e, conforme estabelecera com seus comparsas aventureiros, irá executar a trama que engendrara com eles, naquela mesma noite.

A primeira coisa que tenta fazer é roubar Cecilia; mas quando está para deitar-lhe a mão, Peri desfere uma flecha certeira que vara a mão de Loredano e a fixa na parede da alcova de Cecília. Loredano foge, e, percebendo que seus planos falham, muda de tática: procura amotinar os aventureiros contra Dom Antônio de Mariz. E já os amotinados se acercam de Dom Antônio quando soa o alarma: os índios aimorés estão à vista. Diante do perigo

comum, os homens de Dom Antônio e os de Loredano se unem para a defesa, embora em pontos separados. Peri, imaginando que poderia matar todos os aimorés, sozinho, toma veneno e se lança contra mais de duzentos índios, quando já fizera grande mortandade, entrega-se como prisioneiro. É que ele conhecia o costume daqueles índios antropófagos que costumavam devorar os inimigos valorosos; assim, estando ele envenenado, todos morreriam.

No momento em que estava para ser sacrificado, Álvaro, chefiando um grupo de seus homens, salva Peri das mãos dos Indígenas. Peri volta e conta que havia tomado veneno. Diante de um pedido de Cecília, entretanto, o índio fiel interna-se na floresta em busca de uma erva que inutiliza o efeito do veneno. Percebendo que Cecília amava Peri, Álvaro suicida-se. Isabel, desesperada, diante do cadáver de Álvaro, também se suicida. Loredano continua tramando: imagina que seria agora mais fácil tornar-se senhor da casa; bastaria matar D. Antônio, a mulher e o escudeiro; mas Peri vigia e, quando Loredano menos supõe, é preso e condenado a morrer queimado.

Inicia o cerco dos selvagens. Já está por pouco a entrada deles na casa. Peri pede a Dom Antônio que olhe Cecília, a qual, naquele instante, dorme sob os efeitos do vinho que o pai lhe dera. Dom Antônio diz que não sé afastará do lar. Peri, a pedido do pai de Cecília, faz-se cristão, e recebe o encargo de salvar Cecília. Descendo por uma corda através do abismo e equilibrando-se em troncos de árvores caldas, o índio amigo atinge o Paquequer onde, em frágil canoa, foge descendo rio abaixo.

Já longe, ouve terrível estampido, o fogo atingira o paiol de pólvora da casa de Dom Antônio, destruindo, com a casa, os próprios aimorés. Cecília acorda, o índio lhe conta as últimas peripécias. Cecília, só no mundo, sente crescer sua afeição por Peri, chamando-o de irmão, e pretende ficar com ele na floresta, não mais voltando ao Rio de Janeiro. Desaba a tempestade. As águas sobem, sobem, Peri leva Cecília ao alto de uma palmeira. As águas continuam subindo. Peri, então, desce até as raízes da palmeira e as desprende do solo, após gigantesco esforço.

E a palmeira, ninho onde se abrigam Cecilia e Peri, vai vagando nas águas e se perde no horizonte.